ANNO XXXIV N. 88 7 FEVEREIRO 1935 PREÇO 1$200

HELMUT

EM FRANÇA

L'illustration

NA INGLATERRA

The Illustrated News

NA ITALIA

L'illustrazione

NO BRASIL

BREVEMENTE

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Travessa do Ouvidor, 34-C. Postal 880

Telephones: 23-4422 e 22-8073 — Rio

Preços das assignaturas

Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200

O proximo numero d'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

SERENIDADE

Poesia de Leonor Posada — Illustração de Cortez

D. JOÃO VI

Chronica historica de Terra de Senna — Illustração de Fragusto

CAMBIO A O

Pensamentos de Berilo Neves — Illustração de Théo

A SUAVE VOLUPIA

Chronica de Benjamim Costallat

O DERRADEIRO AMOR DE MARIA CLELIA

Conto de Manoel Cunha — Illustração de Pinho

COFRES E ESCRINIOS

Chronica de Tapajós Gomes — Illustração de Walter Maia

O GRANDE CONCURSO DE CINEMA PROMOVIDO POR CINEARTE

O assumpto do dia entre os nossos "fans" é o original e interessante concurso promovido pela revista *Cinearte*, denominado: *Album-Concurso-Cinearte*. — Além do leitor dessa querida revista ficar possuidor, gratuitamente, de um lindo e artistico album contendo as photographias dos mais notaveis artistas da téla, concorrerá com o numero que vem impresso na capa do *Album* a um sorteio em que serão distribuidos 50 premios valiosos num total de 10 contos de réis.

Em todos os numeros de *Cinearte* são publicadas seis e mais photographias dos artistas de cinema que devem ser recortadas e colladas nos respectivos espaços do *Album*.

No numero de *Cinearte* que está em circulação, vêm as explicações detalhadas desse grande e original certamen.

Casas que distribuem gratuitamente o "Album Concurso Cinearte"

Redacção de CINEARTE — Travessa do Ouvidor, 34; Shell Tox — Praça 15 de Novembro, 10; Radios Pilot — Av. Mem de Sá, 100; Academia Scientifica de Belleza — Assembléa, 115-1°; Casa Cirio — Ouvidor, 183; Silva Araujo & Cia. Ltda. — R. 1° de Março, 13/15; F. R. Moreira — Av. Rio Branco, 107/109; Casa do Bastos — Rua Uruguayana, 19; Biscoitos Aymoré Ltda. — Rua da Quitanda, 108/110-2° andar (propaganda); O Camiseiro — R. Assembléa, 28/32; Optica Ingleza — Rua S. Pedro, 80; De Faria & Comp. — Rua S. José, 74; Ao Bicho da Seda — Av. Almirante Barroso, 13.

Os Albuns são encontrados nas capitaes e cidades do interior, com todos os vendedores de CINEARTE e são distribuidos *gratuitamente*.

CINEARTE está publicando modelos de fantasias para o Carnaval

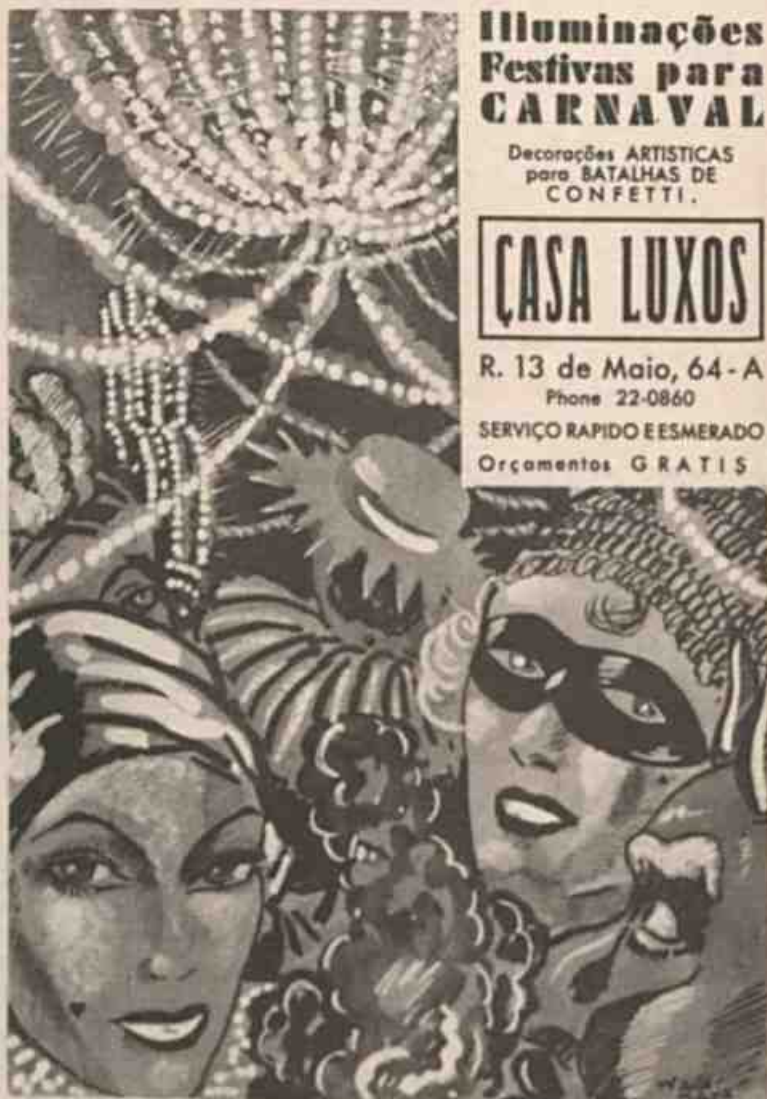
BULICIO

A cidade é uma machina de barulho!
Tudo nella tem um ruido ensurdecedor...

A's vezes eu penso: este barulho todo
E' bem a voz alta do progresso...

E ante o barulho terrivel da cidade,
Eu recordo os dias que passei lá na fazenda,
Um dos recantos mais calmos do mundo!...
Tudo mora lá, num silencio sem fim...
Onde os meus passos mais imperceptiveis
Têm uma sonoridade que perturba!

Outro dia quando evocava esta solidão feliz,
Um bonde passou barulhentamente,
Um automovel fonfonou,
O jornaleiro gritou os vespertinos,
Um omnibus cruzou a rua,
E tudo voou lá do meu pensamento
Atordoado por todo este ruido horrivel!

JOSÉ CESAR BORBA

NEM TODOS SABEM QUE...

NUMEROSOS membros da Alliança Republicana dos Surdos-Mudos de Paris commemoraram a 1 de outubro, em Versalhes, a instituição do decreto da Convenção que creou seis escolas para os deshderdados da audição, ao mesmo tempo que o nascimento do padre Michel de l'Epée, que inventou a Dactylogia e os signaes convencionaes. As homenagens ao benemerito sacerdote culminaram com um banquete e a deposição de muitas flores aos pés do monumento que os parisienses lhe erigiram na Praça Saint Louis.

—oOo—

O congresso de rabdomancia, encerrado em setembro passado, em Paris, collocou definitivamente a radioesthesia entre as sciencias exactas.

A varinha divinatoria foi reconhecida indispensavel na descoberta de qualquer jazida hydrologica ou mineralogica. A Russia decidiu, officialmente, recorrer á radioesthesia, para explorar as suas immensas riquezas subterraneas. A antiga varinha dos rabdomantes póde ser empregada com maiores vantagens de precisão quando alimentada por uma corrente electrica regular.

A Russia adquiriu em França vultosa quantidade de pilhas, das geralmente adoptadas pelos manejadores da varinha encantada.

Os paizes onde existem radioesthetas são a França, a Italia e a Russia.

A' Academia das Sciencias de Paris acaba de ser feita uma communicação, que vae encher de satisfação a todos que têem uma alma generosa; a cura da febre amarella.

A terrivel peste, que tantas victimas fez principalmente em nossa terra, antes de Oswaldo Cruz, está definitivamente vencida, mercê do methodo do Dr. Laigret, do Instituto Pasteur de Tunis. O processo consiste numa vaccina inoffensiva, que protegerá para sempre os individuos contra a mordedura do **stegomya fasciata**. Mais de 3000 vaccinações foram praticadas na Africa Occidental pelos scientistas francezes, dando os resultados garantidores que se esperavam.

Convencido do successo, o Dr. Mathis, director do Instituto Pasteur de Dakar, interessou-se vivamente junto do Sr. Brevié, governador da Africa Occidental, para facilitar ao descobridor os meios necessarios, no sentido de levar a effeito as experiencias.

O primeiro a ser vaccinado foi o proprio medico, para dar o bom exemplo.

UM MINUTO DE SILENCIO!...

Foi preso Joaquim Barrulho

(Do noticiario)

Agora, não mais carece,
Parece,
O Touring Club do Brasil,
Gentil,
De proseguir a abençoada
Cruzada
Do silencio. Para quê?
Não vê,
Oh! povo de que me orgulho,
Que trancaram o "Barulho?"

DABRIL

A DANSA DOS PREFIXOS

O prefixo das estações de radio é um elemento a simplificar, em todos os paizes do mundo, a denominação das mesmas, fazendo com que o publico possa identifical-as mais facilmente.

Isto, porém, não é o que acontece no Brasil.

Entre nós, além do nome da estação, é usado um sub-titulo e um prefixo, se não por todas, pelo menos por algumas.

Não vemos, em absoluto, a necessidade de tanto detalhe, pois que não possuimos ainda uma tão grande orgia de diffusoras a ponto de ser possivel confusão.

Mas o assumpto que desejamos abordar, nestas linhas, é apenas o caso dos prefixos das transmissoras nacionaes.

Ha algum tempo passado, elles se consaituiam de letras sómente.

Depois, passaram a ter um numero tambem, embora conservando tres letras das quatro que compunham os anteriores.

E' sobre essas tres letras que recahe o nosso reparo.

Si já existe um numero capaz de fazer distinguir qualquer estação, parece-nos demasiado o estrago de mais de duas letras.

P.R.-20 ou P.R.-9 seria muito mais facil de decorar e de dizer.

Na Argentina, as estações todas respondem pelo prefixo inicial de L.R. accrescido da respectiva numeração, e era isto que deviamos adoptar tambem, não por ser estrangeiro, mas por ser mais pratico e razoavel.

Como o fazemos, em vez de evitar a confusão, provocamol-a.

Já temos tido opportunidade de verificar, por exemplo, que a P.R.A.-8, que é o "Radio Club de Pernambuco", é frequentemente confundida com a P.R.C.-8, que é a "Radio Guanabara", desta capital.

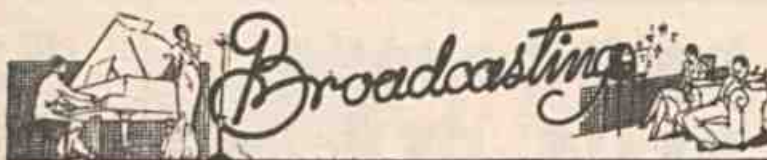
Distinguir uma letra no meio de tres letras e um numero igual, não nos parece nada simples, nem para nós que vivemos ás voltas com cousas de radio.

Para o publico, então, é uma verdadeira charada.

E' preciso, portanto, que a Repartição dos Telegraphos promova uma dansa de prefixos, desta vez com o espirito de synthese e clareza que a primeira não visou.

Era o que tinhamos a dizer, embora saibamos que as suggestões bem intencionadas nunca encontram acolhida nos ouvidos competentes...

O. S.

Silvio Pinto, além de cantor, é compositor. Para o proximo Carnaval elle vae lançar as seguintes producções: — "Vem rompendo a madrugada", samba de parceria com Armando Reis, gravado por Jayme Vogler; "P'ra titio ver", samba, gravado por Arnaldo Amaral; "Amor, amor!", marcha, de parceria com Abilio Teixeira, gravada por Zézé Fonseca; e "Cansei de amar", samba, gravado por elle proprio.

NAMORADAS DO MICROPHONE

Entre a gente nova que o radio tem revelado nestes ultimos tempos, um nome sobresahe da mediocridade geral: o de Nair França. Interprete do genero popularissimo dos sambas e das marchas, genero facil que de tão explorado se tornou difficil, por se parecerem todas umas com as outras, ella conseguiu destacar-se pelo esforço, honesto e pelo senso da medida. Não se coroou "rainha" disto ou daquillo, não sahiu da conta. E é por isso que Nair França, actualmente artista exclusiva da "Radio Philips", possûe o seu publico differente, nas camadas heterogeneas dos nossos ouvintes de radio.

BRÉQUES

Mario de Azevedo, o verdadeiro gigante do teclado (ha algum que seja falso?) acha que as irmães Miranda são as carpideiras do nosso radio. Só cantam chorando. E vivem a chorar cantando. Mario de Azevedo, porém, já descobriu a razão da tristeza das irmãs Miranda, segundo nos disse. E' que ellas são interpretes de musicas carnavalescas...

—:—

Nos cartazes de propaganda do film "Allô, allô, Brasil", da Waldow Film, em que apparecem os mais altos valores do nosso radio, o João de Barros esqueceu de botar o nome do Arnaldo Pescuma, que é um dos principaes figurantes do film. Interpellado sobre o facto, o auctor de "Primavera do Rio", que não esqueceu de incluir essa marcha tres ou quatro vezes, com varias letras, na pelicula em questão, explicou candidamente: — O Pescuma não foi esquecido. Pelo contrario. Elle está citado duas vezes, mais do que os outros, até. Elle está incluido entre "Os quatro diabos" e, no fim, onde diz: — "...e outros"...

—:—

O Dan Malho Carneiro sahiu-se ha dias com a seguinte pilheria, que transcrevemos textualmente: — "O tempo passa..." e as musicas do Custodio de Mesquita não vendem..." Ha varias testemunhas do facto, inclusive o Abreu, vendedor-chefe da secção de musicas da "Melodia".

"MON RÊVE"

Trechos de uma chronica de Zolaquio Diniz, na revista radiophonica "P. R.", de sua direcção:

"A vida passa. Vae passando sempre. Não pára nunca. Não ha tempo para parar. Todo o mundo reclama que a vida corre. Corre. Corre muito. Nós dois, não. Porque não tomamos conhecimento da corrida da vida. Será isso mesmo? Não. E' porque a vida parou para nós. Numa apotheose que é sempre uma "première": o nosso romance!

—:—

Uma tarde escutámos juntos, alguem cantar no radio:

Você me pareceu sincera...
Mas não era... Mas não era..."

Lembra o que eu disse a você? Oswaldo Santiago não tem razão. Escreveu isso porque não conhece você. Si conhecesse teria escripto:

Você me pareceu sincera...
Bem que era... Bem que era..."

Zolaquio Diniz

ESTRELLAS DE AMANHÃ

O radio não tem attrahido sómente gente grande. Tambem os pequenos, isto é, as creanças que o são e as que já estão deixando de ser, foram bater ás portas dos nossos studios. Alguns já gosam de prestigio indiscutivel. Entre as figurinhas que o radio attrahiu destaca-se, em primeiro plano, a graça de Lola Silva, que acaba de ser eleita "princeza" do radio infantil" num concurso promovido pelo semanario de Gilberto de Andrade, "A Synthonia". Foi uma eleição justa e bem recebida. Lola Silva é filha do conhecido propagandista "Polar", que é um espirito moderno á americana e que lhe tem procurado dar uma educação condigna. Ella será, decerto, dentro em pouco tempo, uma das vozes applaudidas dos nossos microphones.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Julio de Oliveira voltou a redigir a secção de radio de "Beira Mar", o semanario que Théo Filho dirige, attendendo ao convite que lhe foi enviado por esse escriptor.

—:—

No almoço que a "Radio Ipanema" offereceu á imprensa de radio, o jornalista Zolachio Diniz contou uma maioria absoluta de jornalistas que nada tinham com o radio.

—:—

Gastão Cottini foi contractado como artista exclusivo da "Radio Cruzeiro do Sul".

—:—

No film "Allô, allô, Brasil", apparecem os astros mais em evidencia do nosso radio, cantando as musicas do proximo Carnaval. Apenas Gastão Formenti não figura no mesmo, apezar de convidado para filmar a marcha "Joia Falsa", de sua creação.

Maria Luiza é o nome de uma nova interprete de canções que vem apparecer pelo microphone da "Cruzeiro do Sul". Ainda não a escutámos. Bob Lazzy, entretanto, mostra-se impressionado com a nova artista.

"A famosa P. R. A. 8 na costa meridional da Africa"

Do Snr. R. HAWTHORNE, recebeu o RADIO CLUB DE PERNAMBUCO a seguinte carta:

Arlington, Marine Parade, Durban — South Africa, 11 — 11 — 1934.

Station Director P. R. A. 8. PERNAMBUCO.

Dear Sir.

tuned in this morning at 5 am on approximatley 49 meters short wave and heard a programme of music there were several occasions.

At 5.45 am e male voice singer sang the Toreador of Carmen, then there was a lady sang again, afferwards there was a lot of talk by two people. Then about 6 am there was a bugle call presumably the stations interval signal, again a lady sang a solo with piano, acompanyment. The announcer then spoke in the native language and about 6.20 am the there were some more bugle calls. There was another announcement and a lady song, when the station closed the announcer spoke in English and said Good Night and pleasant dreams and give the stations call sign and wave lenght but I missed the correct wave lenght as a slight static occured just then I have been listening to this station for some time and it comes over the air splendid and with great clarty but it is difficult to catch what the announcer says but his voice is quite distinct but speacks very quikle, "YOUR STATION IS A GREAT FAVOURITE AS I LOOK FOR IT EVERY MORNING".

I shall esteme it a favour if you will please me confirmation of my report if correct. Thanking you in antecipations.

Yours Faithfully
(a) R. HAWTHORNE

"Diario da Manhã" — Terça-feira, 11 de Dezembro de 1934.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— O "Programma Francisco Alves" não conseguiu manter-se na "Radio Cajuti", já havendo deixado aquella estação. Affirma-se que o cantor que dá o nome a esse programma foi convidado para reingressar no "cast" da "Mayrink Veiga", de onde sahiu ha tempos.

—:—

— A actividade da "Radio Ipanema" tem despertado commentarios nos nossos studios, onde se fala numa contradansa de artistas exclusivos das nossas pêêrres mais em evidencia. Annuncia-se que a "Radio Ipanema" lançará alguns valores novos de sensação.

—:—

— A candidatura de Luperce Miranda, o festejado bandolinista patricio, ao primeiro logar no concurso da "Gazeta de Noticias" para escolher o o melhor artista do radio nacional, tem despertado grande enthusiasmo. Varios festivaes já foram realisados com o fim de apoiar o seu nome, que é um dos mais votados.

FIO TERRA...

— Aquella moça canta no radio ha pouco tempo e já arranjou um noivo.

— Quem é o noivo della?

— Não sei, ao certo. Mas segundo parece, é o "Bando da Lua"...

—:—

— E o Lamartine? De successo, até agora, só tem o "Grão Dez", que o Ary Barroso diz que é delle só, tendo lhe dado a parceria como presente de festas. Elle não fez mais nada?

— Fez, sim! Fez tanta cousa que o povo não sabe o que escolher...

O ALMOÇO DA "RADIO IPANEMA" — No "Restaurante Rio-Minho" teve logar o almoço offerecido pela "Radio Ipanema" á imprensa carioca, artistas, directores de estações, etc., transcorrendo o agape na maior cordealidade. Foi um "programma" optimo, esse com que se iniciou a nova diffusora...

A VOZ DO OUVINTE

Sr. Redactor — Sou homem de poucas palavras. O Sr. quer, de verdade, a minha opinião, como ouvinte, a respeito de artistas de radio. Pois ahi vão algumas. Carmem Miranda é muito **bôa**... até mesmo sem ser cantando; Custodio Mesquita é apenas uma cabelleira cabotina cobrindo um craneo vasio; Mario Reis dá-me a impressão, quando canta, de que **cavallo peiado tambem come**; Gastão Formenti é um cantor que devia ser prohibido aos diabeticos: tem muito assucar... Cesar Ladeira é um **speaker** que teria todos os effes e erres si não tivesse sómente os erros; Aurora Miranda é uma Aurora que está raiando... Francisco Alves dá-me a impressão de uma ostra: lá dentro ha uma voz que alguns acham parecida com uma perola; Dalila de Almeida é a melhor cantora nacional: nunca a escutei...;

Manoel Monteiro é o melhor interprete de marchas carnavalescas carioquissimas; Marilia Baptista, quando deixar de cantar sambas poderá tomar o logar do Tagliabue cantando nas operas a parte de baixo-profundo; Almirante não passa de um marinheiro de agua doce, em materia de canto: Felicio Mastrangelo é a voz que melhor fala a lingua do "nostro amado Brasile"; Alda Verona é uma limousine de luxo que sempre proporciona uma optima viagem aos seus passageiros; Jayme Brito é um "Fordéco" vagabundo, desses que passam jogando lama na roupa branca... do ouvinte; Dirce Baptista é uma esperança para daqui a cem annos; Hervê Cordovil é um papel carbono de Nonô, mas não reproduz com firmeza o original; Sonia Barretto treme, a voz, mas não faz o ouvinte tremer... de tédio; Moacyr Bueno Rocha é um Pierrot que ainda não mandou botar "papeis pintados" na garganta; e é só, Sr. Redactor. Avalie o Sr. si eu fosse um homem de muitas palavras... Não acabava mais. Quando o Sr. publicar estas opiniões (si publicar) mandarei outras. Que tal? Do ouvinte — João Camarada.

Epidemia de morenite

Cada anno, de uns tempos a esta parte, os compositores escolhem **uma côr** para homenagear nas suas marchas e nos seus sambas carnavalescos.

A mulata, a morena e a loura foram, successivamente, as "rainhas" predilectas de varias folias passadas.

Este anno, segundo se esperava, ia haver uma folga nesses motivos inspiradores, convictos que todos estavam de que o publico já não supportaria esses louvores estafados, surrados a valer, gastos e mal feitos.

Mas, para surpreza geral, a "morena" voltou a imperar nas letras das canções de 1935.

Esta "côr", por ser a mais usada pelas epidermes nacionaes, parece destinada, deste modo, a um cartaz infallivel nas pugnas carnavalescas do carioca.

Vejamos algumas das marchas e dos sambas que já estão fazendo epoca: — "Moreninha Sweepstake", "Morena Imperatriz", "Moreninha da Tijuca ou Paquetá", "Menina Tostadinha" (o que vem dar no mesmo), são os seus titulos.

No texto, porém, a cousa vae longe...

A marcha "Grão Dez" diz logo de sahida: — "A victoria ha de ser tua, tua, tua, moreninha prosa"...; a marcha "Tricolor" diz que vae haver um concurso de belleza, que a morena vae ganhar o concurso e o coração do auctor.

Até o cantor Manoel Monteiro, portuguez no nascimento, na alma e na voz, gravou uma marcha endeusando a morena...

E' rara a composição onde, accidentalmente ao menos, a morena não esteja...

A pobreza de imaginação dos nossos compositores se abastece sem cerimonia alguma nesse filão magico, em que o pigmento substitúe o talento...

Estamos deante de uma epidemia radiophonica: a morenite aguada...

O CONCURSO DA PREFEITURA

Como nos annos anteriores, a Prefeitura do Districto Federal promove um concurso para escolha dos melhores sambas e marchas do Carnaval de 1935.

No ultimo prelio sahiram vencedores o samba "Agora é cinza", de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal, e a marcha "Typo Sete", de Antonio Nassara e Alberto Ribeiro.

Para o concurso em perspectiva inscreveram-se composições inéditas e divulgadas, subindo o seu total a cerca de duas centenas, o que supera o numero das vezes anteriores.

No dia 10 do corrente, uma commissão seleccionará dez das producções apresentadas, que concorrerão no julgamento final.

GENTE DE RADIO

Alberto Manes, director da "Radio Guanabara" e organisador do programma infantil que essa estação transmitte ao domingos.

"DEIXE ESSA GENTE FALAR", marcha, "Meu amor nunca foi da cidade", samba; "Cuidado", marcha; e "Por causa da tua fantasia", samba, são as musicas que a parceria Ronaldo Lupo-Saint Clair Senna nos dá para o Carnaval de 1935. Todas alegres, optimas mesmo, com excellentes letras e melodias suggestivas. Ronaldo Lupo e Saint Clair Senna são os auctores do "Samba da Saudade", que tanto successo registrou. "Deixa essa gente falar" e "Meu amor nunca foi da cidade" são creações em disco de Jayme Vogeler; "Cuidado" e "Por causa da tua fantasia" de Castro Barbosa.

LIVROS E AUTORES

Por PAULO GUSTAVO

Concordia Merrel — O SELVAGEM — Companhia Editora Nacional Sã Paulo — 1935.

Mais tres volumes da "Nova Bibliotheca das Moças" — "O selvagem" de Concordia Merrel, "A caminho da felicidade" de Abel Risse, "O homem e o momento" de Elynor Glyn.

Tres historias de amor, desse amor que, sendo legitimo, se tece entre peripecias, alegrias e magoas, amarguras e enlevos.

"O selvagem" é uma demonstração a mais de que as apparencias illudem: uma joven que nos primeiros contactos, classifica de "selvagem" certo rapaz com que, mais tarde, vem a casar-se, amando-o e vendo que, afinal, o "selvagem" era "civilizado".

"A caminho de felicidade", optimamente traduzido pelo nosso companheiro Benjamin Lima, é uma deliciosa trama, que tem o seu inicio em um castello, "Le chateau de Fontpleur", que o publico tinha por maléfico, desde que um dos seus antigos proprietarios fôra encontrado morto dentro do bosque, á beira do regato. Um romance que é uma linda narrativa e que, afinal, agrada porque é... o caminho de felicidade.

"O homem e o momento" é outro volume que, certamente, será lido com prazer pelas nossas jovens.

Emilio Salgri — OS CANNIBAES DO PACIFICO — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1935.

Depois do "Thesouro das Ilhas Galápogos", dá-nos a "Collecção Ferramarear" mais dois romances de aventuras "Os cannibaes do Pacifico" de Emilio Salgari e "O diamante negro" de Anna Lewell.

O livro de Emilio Salgari é, além de um livro de aventuras, um interessante livro de viagens, em que os meninos aprendem mais a geographia de certas Ilhas do Pacifico, com os seus habitantes, usos e costumes, do que nas aulas communs.

As traducções não podiam ser melhores, a cargo que estiveram de Monteiro Lobato e Euclydes de Andrade.

ALMANACH DA REVISTA DO GLOBO — Porto Alegre — 1935.

Uma excellente publicação no genero, com todas as indicações necessarias relativas ao calendario e trazendo um sem numero de anecdotas, contos, notas scientificas, noticias e estudos sociaes e politicos, poesias, tudo fartamente illustrado com desenhos e photographias.

André Maurois — LYAUTEY — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1934.

Como quasi todos os generos literarios a biographia soffreu sérias modificações no seu methodo, nestes ultimos tempos. André Maurois e Emil Ludwig tornaram-se os mestres dos novos processos.

Uma das obras do escriptor francez que se tornaram logo celebres é, sem duvida, "Lyautey", a biographia do grande soldado que pacificou Marrocos, não apenas pelas armas, mas tambem e, sobretudo, pela força moral e pela persuasão. E' uma lição admiravel a vida desse militar que, em plena guerra de 1914, senhor absoluto das provincias francezas da Africa, desenvolvia todo um programma de paz, construindo estradas, portos, esgotos e escolas, fiel á sua politica de que "um estaleiro vale por um batalhão".

A bella obra de Maurois foi traduzida pelo nosso festejado e fertil Gustavo Barroso. E' o sufficiente para se saber que é primorosa.

O trabalho graphico tambem satisfaz plenamente.

Curt Thesing — A GENEALOGIA DO AMOR — Marisa, editora — Rio — 1935.

O problema sexual tem sido estudado, ultimamente, em innumeras obras. Freud, Forel, Bourdon e outros têm-no abordado com referencia ao ser humano.

O trabalho de Curt Thesing, que temos em mão, aborda-o de um modo mais geral, em todos os seres da Natureza, desde os cristaes até o descendente de Adão. Estudam a sensualidade no Universo.

Vemos o instincto sexual em toda a escala animal. E é interessante encontrarmos entre os animais alguns dos vicios e muitas das fraquezas humanas.

A ferocidade das "mantas religiosas", por exemplo, que, indifferentes ao acto amoroso, só esperam a hora de devorar o pobre Romeu que por ellas se apaixonou, lembra muitas Evas de todos os tempos. O amor entre as aranhas é outro capitulo realmente interessante. E a gente vê como o sexo feminino é o mesmo em toda a escala zoologica: feroz, fingido, egoista...

No final do livro, chega-se a uma conclusão um pouco dolorosa: que não ha muita superioridade na nossa maneira de amar. No fundo, somos apenas o mais pretencioso dos animaes.

O livro de Curt Thesing é traduzido pelo Dr. Aurelio Pinheiro e a traducção foi revista pelo escriptor Max Monteiro, um dos elementos de mais fulgor nas nossas letras.

E. Vilhena de Moraes — CAXIAS EM SÃO PAULO — e — O Duque de Ferro — Calvino Filho, editor — Rio.

Sempre é tempo para se apreciarem as boas obras. E' o que succede com o "Caxias em São Paulo", de Vilhena de Moraes, trabalho que só agora nos chega ás mãos, embora editado ha cerca de um anno.

Pouco antes, o autor escrevera, tambem editado por Calvino Filho, "O Duque de Ferro", com interessante biographia do nosso maior pacificador, trazendo numerosos documentos ineditos e constituindo pelo exemplo da grande vida que desenrola aos nossos olhos e pela verdade historica que reconstitue, uma obra de cultura e educação.

Depois, Vilhena de Moraes escreveu "Caxias em São Paulo", que acabámos de ler. Utilizando-se de farta documentação, pertencente ao archivo do proprio Caxias, historia a famosa revolta paulista de 42, preoccupando-se, entretanto e acima de tudo, com fazer ressaltar a figura sympathica e querida do bom e bravo guerreiro, no que ella teve de mais admiravel, isto é, a energia serena, a bravura modesta, a generosidade e respeito sagrado aos vencidos. "Armas e conciliação!" — era a sua legenda.

A' luz de documentos que apresenta, o autor restabelece a verdade sobre varios factos, que andavam envoltos nas névoas da duvida.

EVA FLORA (Paraguassú) — Li a sua critica. Gostei dos seus conselhos. Não posso dizer que gostei do mais, porque não conheço o livro. Os seus contos e poemas em prosa sahirão, sim. Eu sou como dizem que é a Divina Providencia: custo mas não falho... Quanto ao seu livro, receio que a minha franqueza possa aborrecel-a. Mas, se gosta de amargos, pode enviar os originaes. Sabe que a sua ultima carta é uma interessante pagina literaria? Posso garantir-lhe que está escripta com mais graça e arte do que a sua critica.

OLDEGAR VIEIRA (Bahia) — Não pense que é *birra* com a sua prosa, mas o conto não merece publicidade. A intriga é banalissima (hoje, estou com o vocabulario rico de gallicismos), a maneira de narrar directa, secca, sem graça. As personagens imprecisas. Só o estylo vale. Mas não compensa as outras falhas. Quanto aos versos, *o. k.*

OSWALDO R. GUIMARÃES (Curityba — Se forem publicadas antes, as photographias não podem participar do nosso concurso. Assim, guardamol-as até lá. Está de accordo?

F. M. L. (Santos) — As suas quadras têm bons e maus pedaços. Algumas vezes têm versos quebrados. Seria preferivel que V. fizesse um trabalho mais resumido, expurgando o menos acceitavel. Daria um conjuncto melhor e seria mais facil de publicar.

TALLIO DE CASTRO (Rio) — Agora comprehendo a sua intenção. Infelizmente, do ponto de vista literario, o soneto não progrediu. A poesia que veiu junto está melhor, mas tambem não merece publicidade: os ultimos versos do primeiro e segundo quarteto estão precisando reforma.

MONTE-CHRISTO (Rio) — Como principiante, vae muito bem. Procure, entretanto, não imitar o estylo alheio, conservando essa mesma naturalidade na maneira de narrar. Se V. quer, apenas, apurar a forma, leia os bons autores nacionaes e portuguezes. No seu caso, porém, eu indicaria a seguinte mistura: Humberto de Campos, Eça de Queiroz, e Maupassant, bem traduzido ou no original. Parece estranho misturar esses tres autores, mas garanto-lhe que, depois de um bom mergulho nos seus livros, o seu estylo ganhará muito, em apuro. Mas não imite: compare, apenas, para aprender a conhecer o que é bom.

JOSE' CESAR BORBA (Recife) — O genero não é muito proprio para "O Malho". Mas vou ver o que se póde fazer. Dar-lhe-ei uma resposta, depois, a respeito da publicação das chronicas.

LUCIANO DE ALENCAR (S. Paulo) — Recebi "Fome". Esplendido. Obrigado, tambem, pelos abraço de boas festas. Seu conto "Dor", cujo titulo eu mudei, já foi illustrado e vae sahir qualquer dia.

Li "Amante Infiel" — o melhor trabalho seu que me cahiu sob os olhos. O thema é o seu *Leit-motiv*, não é? A respeito da caricatura, já eu havia comprehendido, mas não me chegou ás mãos: a carta foi aberta. Perdida? Ia escrever-lhe, agradecendo as suas gentilezas, quando me apercebi de que não tinha o seu endereço. Lerei "A desgraça" com cuidado para dar-lhe titulo como me pede.

TONICO (São Paulo) — Posso publicar o soneto, mas não agora, porque não tenho espaço. Serve?

ANTONIO MARTINS (Rio) Desculpe, mas esse assumpto não nos interessa. De ortographia e politica — que Deus nos livre!

GONÇALO MESQUITA (Rio) — Acceito o seu trabalho. Mas vae demorar a sahir.

DR. CABUHY PITANGA NETO

A CUTIS SERÁ SEMPRE DEFENDIDA;
NÃO EVITE OS PRAZERES DA PRAIA
Os jogos de praia fortalecem o corpo: Leite de Colonia rejuvenesce a cutis. (cons. uteis)
Leite de Colonia
LABORATORIOS STUDART
Leite de Colonia
LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELLE

O Malho

STEPHAN ZWEIG é, talvez, um desenfreado, satanico ironista. Revolve a Historia como um cirurgião inquieto que mergulha as mãos enluvadas em visceras quentes á procura de uma anomalia qualquer, que logo assignala num gesto largo de triumpho.

E' um singular cirurgião de mentalidades. O processo de expôr á publicidade os seus heróes, os seus biographados, é inedito e sensacional. Revolve essas personagens, desnuda-as, torce-as, expreme-as implacavelmente, e apresenta-as ao publico attonito por entre a estranha fulguração do seu estylo onde as imagens se atropelam delirantes.

A LUTA CONTRA O DEMONIO

"*A luta contra o demonio*", o livro-cinzel com que grava os vultos de Holderlin, de Kleist e de Nietzsche, sob aspectos que a sciencia moderna não póde admittir, é uma continua vibração de seu genio scintillando espantosamente, e deixando no leitor uma sensação de magnificencia, de deslumbramento e de ennervante piedade.

Holderlin, o poeta incomparavel, que nos dá na chamma creadora de "*Empédocles*" o grande segredo da Grecia de Dyonisius, resurgiu para a Allemanha contemporanea como uma das suas glorias mais limpidas, depois de ter arrastado, durante quarenta annos, a tormentosa existencia de humilhações, terminando, emfim, na mais dolorosa loucura: velho, esquecido, escarnecido, agasalhado no misero quarto de um carpinteiro.

E, coincidencia impressionante: justamente no dia em que deixava de existir, no dia em que seu corpo era enterrado como o do mais ignoto operario allemão, e as rumas dos seus manuscriptos eram depositadas no porão de uma bibliotheca da provincia — nesse mesmo dia, em Paris, no Boulevard dos Italianos, um homem que parecia um burguez vulgar, cahia fulminado por uma apoplexia e era levado para o necroterio e sepultado singelamente, sem acompanhamentos, sem amigos, sem necrologio. Apenas um dos jornaes de Paris, numa nota banal de reportagem, dava uma rapida noticia desse caso e dizia que o morto era um homem chamado Henri Beyle, que escrevera algures uma novella ingenua.

Holderlin nem ao menos teve essa simples noticia; mesmo porque o seu unico amigo, Schiller, já morto tambem nessa época, o abandonara impiedosamente desde o crepusculo da sua insania.

Meio seculo passou sobre a morte mesquinha desses dois homens; meio seculo de indifferença, de esquecimento, de amargo desdem. Mas um dia os manuscriptos empoeirados cahiram nas mãos de um homem de letras. Houve, então, um grande rebate, uma surpresa electrizante, um assombro immenso; e toda a Allemanha culta comprehendeu subitamente que perdera naquelle pobre louco escaveirado e ridiculo o seu maior, o seu mais alto poeta!

E nessa mesma época a França alvoroçada e fascinada proclamava a gloria de *Stendhal*, que era simplesmentte o pseudonymo do homem chamalo Henri Beyle, o mais fino, o mais penetrante dos psychologos francezes.

Tudo isso passa no livro de Zweig com calefrios de emoção. Nunca ninguem ergueu tão alto a glorificação de um homem!

Mas no fundo dessa epopéa glorificadora, entre o fulgor dos relampagos do seu genio, Zweig, inexplicavelmente, (pelo menos para a moderna psychiatria) arrasta esses idolos — Holderlin, Kleist e Nietzsche — atravez da penumbra de uma lenda, como creaturas em luta permanente com o demonio, que os vence, afinal, que os estrangula com as mãos de aço e os leva para o seu abysmo tenebroso.

Realmente, para a phenomenal erudição de Zweig, essa conclusão absurda ou é desgraçadamente infeliz ou encerra a mais diabolica das ironias.

Os frios homens de sciencia perguntarão, certamente, que relação haverá entre o demonio e esses casos communs de paralysia geral, de demencia precoce e de mania depressiva?!

AURELIO PINHEIRO

CARVÕES *de* GAVARNI

Mendigos do Mexico!

...ha quantos annos, não sei... Mas, até hontem, deslisando, colleando, — moviam-se suavemente de Bucarelli ao fim da Avenida Madero, inundando o perimetro urbano co a mancha negra dos chales que as envolviam da cabeça aos pés ou sob o abrigo dos "sarapis" velhos, que os homens traziam pendentes do pescoço, protegendo o peito e as espaduas...

Vinham d'onde? Das aldeias proximas, das colonias miseraveis, dos nucleos excusos da desgraça, dos instantes famintos da "tortilla" e das horas inebriantes do "mexcal". Espraiavam-se pelo centro da cidade, occupavam a ponta das calçadas, o banco dos parques verdes, a sombra das praças, as immediações de "Sanborn's", o vestibulo dos hoteis, a porta das casas de diversões...

Estendiam a mão... Sussurravam palavras mansas, que a gente fingia não entender... Quedavam-se! Pediam de novo, sempre de dextra espalma, naquella insistencia heroica que a necessidade dá ás creaturas... E só retomavam a caminhada depois de sentirem alguns centimos nas mãos trigueiras, longas, gulosas, rugosas...

Dolorosos carvões que se evadiram dos albuns de Gavarni e vieram viver a vida!

Presaga sombra das pragas humanas!

Mendigos do Mexico!

\+ + +

A Policia começou a repressão da mendicidade...

Dês manhã que se prendem mendigos! Perseguem-n os por toda a parte! Buscam-n os, descobrem-n os, agarram-n os, levam-n'os...

Dês manhãsinha á bocca da noite, entre a estatua equestre de Carlos IV e a Praça da Cathedral, prenderam mil e quatrocentos párias!

\+ + +

Os jornaes estampam photographias melancholicas e descripções coloridas... Contam que entre elles havia falsos mendigos e creanças raptadas... Tecem chronicas phantasiosas e surprehendentes! Affirmam que as creanças roubadas aos paes serviam para attrahir a piedade do publico! Garantem que os falsos mendigos viviam contentes e risonhos á ingenua caridade collectiva...

\+ + +

O Estado recolheu-os ás prisões.

Sob o imperio da lei, as mulheres foram lavadas e tiveram vestidos novos. Os homens — barbeados e penteados — adquiriram o aspecto de gente de bem. As creanças, depois do banho e da camisola branca, pareciam filhos de familia rica! As que souberam explicar o destino, voltaram á casa paterna; as outras foram enviadas aos Internatos...

\+ + +

Lá se foi a commovente mysteriosa novella dos mendigos do Mexico!

\+ + +

Os mendigos perderam a liberdade!

Perderam os mendigos a desgraçada liberdade de pontilhar a alegria da cidade lustrosa co'a mancha de soffrimento de suas sombras! A liberdade confrangedora de estender as mãos supplices reclamando a esmola numa voz de quem reza psalmos!

Piedade para elles, Senhor Deus dos Mendigos! Misericordia para os nossos irmãos pedintes!

\+ + +

Como as ruas do Mexico — neste verão doirado e azul — vão ficar tristes sem as sombras tristes dos mendigos tristes!

EDUARDO TOURINHO

O corneteiro de Copacabana

Enorme é o poder irradiante do talento de Humberto de Campos, tão grande que lhe gerou a estima do lar brasileiro, de todos quantos se entendem na mesma lingua. Foi como um irmão querido cuja memoria ennubla-se da mesma saudade. O nosso coração não concebe com a fragilidade humana do perecimento, e a sciencia abre fallencia em face desse intenso affecto que o queria liberto á fatal contingencia.

Morreu porque o medico errou é a voz da nossa estima ao maravilhoso escriptor, e a sciencia tem que curvar tristemente a cabeça para não quebrar o encanto dessa sagrada illusão.

Si não houvesse mesmo a intervenção medica, e a morte viesse isoladamente, sombria companheira de toda existencia, enganara-se a parca implacavel porque Humberto de Campos abrira excepção na razoira dos tumulos.

Era o homem luz, e a luz não morre, tem, apenas, a intercadencia dos movimentos cosmicos produzindo as noites e os dias, sem fraccionar a eterna continuidade luminosa.

E por que essa singularidade num paiz em que a intelligencia é filha orphã?

E' que o maravilhoso escriptor fizera do seu soffrimento, das agruras do seu Calvario, a lyra terna ecoando em todos os corações.

A dor está em todos nós, enlaçada na mesma corda da harpa dolorida.

Arte das emoções, tu que acordas a alma para a alegria e para a dor, ajoelha e reza — morreu um jardineiro de Academus.

E agora... Corneteiro de Copacabana, perfila-te, derrama uma comprida lagrima de saudade, e toca o recolher. Vibra dolente e sentido o teu instrumento, e attende para dentro da noite.

Passa além uma sombra, pára, escuta e desapparece na treva impenetravel.

E' Humberto de Campos que acode ao toque melancolico e vae dormir na caserna da morte.

A nota magoada da tua corneta, vibrando na silenciosa solidão da noite alta, é o requiem sentido pelo teu maravilhoso chronista, o adeus desencantado ás tristes realidades da vida.

Perfila-te, Corneteiro de Copacabana, leva a mão ao kepi e acena a tua despedida ao romeiro illuminado do nada, áquelle que fez do seu grande infortunio um livro de luz para todas as almas.

Soldado da nossa Patria, vedeta solitaria da praia silenciosa, faz do teu lenço um crepe e cobre de luto a tua corneta que bem merece quem, no mundo, se chamou Humberto de Campos.

JOÃO ESTEVES

Os grandes Homens QUANDO ERAM PIRRALHOS

George Windsor, actual Jorge V, da Inglaterra.

Guilherme II já tinha um ar tragico de Hamleto, quando ainda dependia da ama secca.

O rei Carol, surgindo de dentro de um ovo, quando ainda era um embryão de rei...

Franklin Roosevelt muitos annos antes do "New Deal"

A princeza Juliana ainda nos cueiros.

O principe Humberto ainda entre as fraldas.

Adolpho Hitler, no tempo em que não usava bigode de Carlitos.

ERAM, uma vez, nove creanças, cada qual mais engraçadinha, e umas mais pobres do que outras. Sete dellas, ao nascer, receberam de presente um sceptro, a maior das joias; uma ganhou, como premio de nascimento, uma joia tambem inestimavel: um brazão de virtudes. Por fim, a derradeira, coitadinha, nasceu como Jesus, mas não teve, como o Filho de Maria, Reis Magos junto ao berço.

Todas cresceram e foram donas dos destinos do seu povo, ou se preparam para sel-o. Essas nove creanças privilegiadas são hoje: George Windsor, rei da Inglaterra; Affonso de Bourbon, que reinou sobre a Hespanha; a princeza Juliana, que ainda é a princeza Juliana; Principe de Galles, que ainda é o Principe de Galles; Carol, que reina sobre a Rumania; Guilherme, que reinou sobre a Allemanha; Humberto, que reinará sobre a Italia; Franklin Roosevelt, que é, hoje, Presidente dos Estados Unidos, e Adolfo Hitler, Füehrer do Reich.

Ahi estão os retratos das nove creanças a quem as fadas deram o condão do poder.

Affonso XIII, louro e pequenino.

O principe de Galles quando ainda não pensava em cavallos.

A ARTE NO PAIZ DOS ANTROPOPHAGOS

Curioso typo de mascara de fibras coloridas.

Entre os selvagens, conta Roger Thevenin, a arte não é um esforço tentado para seduzir os olhos do espectador, por um conjuncto harmonioso de linhas ou de côres, nem é, tambem, um desejo de imitar.

Não é nem uma copia nem a expressão de uma sensação. Si, por vezes, o artista "primitivo" nos dá essa impressão, não é por um effeito directo da vontade do autor. Não quer dizer que a arte imitativa não exista entre os povos incivilisados. A arte será sempre uma sorte de expressão directa do pensamento, algo como uma idéa que tivesse fórma e corpo. E' a imaginação que se dará em espectaculo. Ella tomará, sahindo do cerebro que a concebeu, o aspecto estranho, terrivel, ameaçador, impuro, assombrado, que tinha quando era apenas um sonho.

A casa commum de um papua (Nova-Guiné).

Para os povos sempre em lucta uns com os outros, sobre as quaes a morte paira sem cessar e que vivem sob o imperio constante do terror (era assim, pelo menos, na Antiguidade), o pensamento não poderá traduzir-se senão sob as imagens do medo e da morte. Dahi, nessas obras, de que damos reproducção, esse caracter de atrocidade, essas carrancas medonhas, esses monstros, essas mascaras de demonios, de espectros. Ademais, um elemento magico mistura-se a todas as manifestações artisticas dos artifices selvagens. Não se trata apenas de aterrorisar o inimigo, como o faziam os guerreiros primitivos, cobrindo-se com despojos de lobos, ursos, touros. E' preciso tambem que a esculptura ou a mascara offereça domicilio favoravel aos duendes das Trevas, que as palavras magicas dos feiticeiros forçarão a penetrar ali. Essa figura de prôa que se vê entre estas linhas não é bem terrivel, máo grado sua attitude hostil..

Um genio malfazejo, porém, habita-a e ella retem em suas mãos o passaro para "chamar o vento", tão conhecido dos navegantes oceanianos.

Guiada por um protector semelhante, por certo que a embarcação deslisará feliz nos campos equoreos.

E' o que pensam os nautas indigenas conscios de possuir um poder pessoal sobre o inimigo ou sobre os elementos encolerisados quando trazem comsigo uma "mascotte", um "fetiche", um "gri-gri". Algumas das mascaras que illustram nosso artigo remontam a varios seculos. Outras são de fabricação recente, ou soffreram modificações, como o famoso "cutelo de Jeannot", cujo cabo foi transformado quatro vezes e a lamina seis vezes. O escudo néo-guineano, onde ri de sua proxima victoria um demonio surgido da terra dos mortos, foi, mais de uma vez, a derradeira visão, neste mundo, de um guerreiro cujo craneo orna, agora, o atrio da casa commum.

Outras mascaras, recobertas de fibras coloridas.

As mascaras de fibra colorida não são bonitas, naturalmente, e quem fôr inaccessivel á vingança dos deuses ha de contemplal-a ironicamente.

Mas si "a arte é a expressão do ideal", bom ou mau, que artista se nos afigura aquelle que concebeu a "mascara de Mephistopheles", a mais infernal de todas as manifestações estheticas concebidas nos "studios" da Edade-média!...

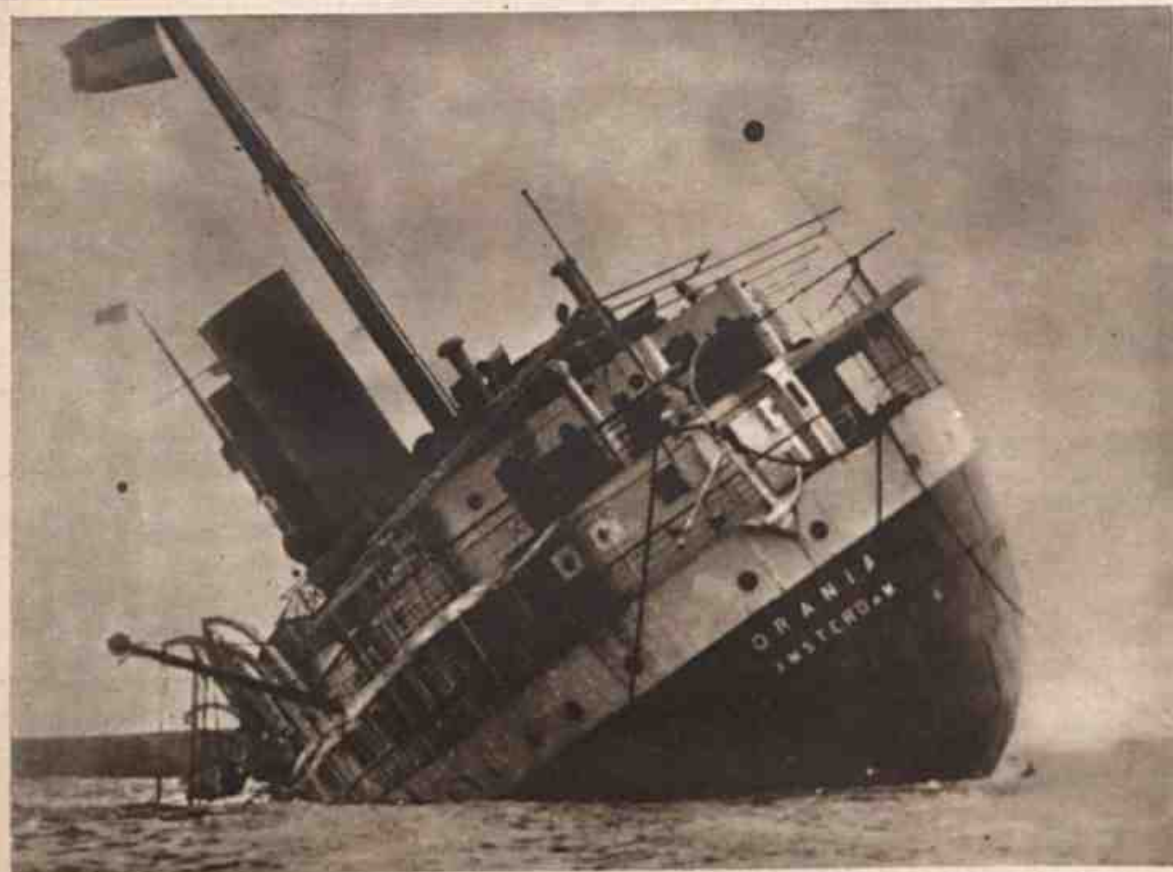
Taes combinações de linhas, de pontos, de côres; taes desenhos que se repetem ou se equilibram nada mais são que symbolos, representações schematicas de um objecto real.

E Thevenin remata:

Seria injusto não reconhecer nos "primitivos" de nossos tempos a noção da "arte pela arte".

E a Thevenin não escasseam razões para assim se expressar. Como La Perouse, elle correu mundo atraz de conhecimentos, antes de exarar sobre o papel de seu diario o que viu e sentiu.

A mascara da prôa de uma piroga (Ilhas Salomão).

Mascara de fibras vegetaes de differentes côres. Os indigenas denominam-na duk-duk.

Os Grandes Sinistros No Mar

O transatlantico "Orania", na posição em que o deixou o abalroamento pelo "Loanda", da marinha mercante portugueza. Esse facto occorreu á altura de Leixões e teve larga repercussão na imprensa brasileira. Dos 158 passageiros do "Orania", 123 conseguiram salvar-se.

O rebocador belga "Emile Franqui", dirigindo-se para Halifax sob a guarda de um navio da Fundação Franklin. O rebocador, que estava na imminencia de sossobrar, permaneceu tres dias á mercê das ondas, agitadas por um temporal innominavel.

O navio "Jane Christensen" da Arrow Lines, na ultima viagem de Nova York á Providence, foi abalroado pelo "Lexington" da linha colonial norte-americana. Eis o estado em que ficou o ultimo destes navios, que afundou, horas depois da collisão.

OUTRO flagrante relativo ao naufragio do "Lexington": alguns dos tripulantes que conseguiram salvar-se. A bordo do referido navio, havia 125 pessoas.

O Poço da Panela

(ILUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO)

NUM remanso translúcido e sombrio
Onde atenúa a marcha o grande rio,
A' sombra de recurvas ingazeiras,
Batem roupa, cantando, as lavadeiras.
Trago ainda nos olhos: é bem ela,
A' paizagem do Poço da Panela.
A igreja, a Casa Grande, as gameleira,
E ao fundo o páteo verde e as ribanceiras
Que afagavam, num lúbrico arrepio,
O corpo adolescente e alvo do rio.
Do outro lado da margem — capinzais
Da olaria e do sitio de Morais.
Morais Piloto, um português antigo,
Compadre de meu pai, seu grande amigo,
Que o acompanhava como um cão de fila,
Através da politica intranquila.
Homens eramos dois. Completamente
Diferentes em tudo. Eu, manso e doente,
Meu irmão insubmisso e insuportável
Como um pôtrinho de expressão selvagem,
Cometendo distúrbios... Meu irmão
Levava surras como um boi ladrão.
Mas vingava-se em mim. Tudo o que eu tinha
Era, nas suas mãos, como farinha.
Animais de madeira, leões, camêlos,
Até a minha coleção de sêlos
Êle queimou, um dia, por vingança.
Aprendi a sofrer muito criança.
Si alguem me dava coisas de presente,
Dêle era tudo inevitavelmente.
Se havia luta entre nós dois, a sorte
Decidia por êle: era o mais forte,
E eu, sem revolta e sem melancolia,
Sendo filho de ricos, mal vivia...
Uma vez, (como dói essa lembrança!)
De um bando de guris da vizinhança,
Meu irmão, num rincão da estribaria
Organizou a sua Companhia.
Fez um "Bumba-meu-boi" surpreendente.
Distribuiu os "papeis" a toda gente.
O "Boi", o "seu Coitinho", a "Ema", o "Caipora",
Entraram todos... Eu fiquei de fóra.
Nessa noite, meu pai, vendo-me em pranto,
Pôs a "troupe" na rua por encanto
E reduziu a múltiplas fogueiras
"Boi", "Cavalo-Marinho" e "Cantadeiras".
D'aí recrudesceu a sua fúria.
Não havia pedido nem lamúria
De minha mãe que comovesse a fera.
Era o diabo. Eu nem sei mesmo o que êle era.
Certa noite pesada de tormenta
Minha mãe, numa voz cansada e lenta,
Lia-me a história do "Patinho tôrto".
Eu, com os dedos tremendo, ouvia, absorto,
Quando assomou à porta o turbulento.
Entrou que parecia um pé de vento.
Parou. Sorriu. Já conhecendo a história,
Disse (Tenho bem claro na memória!)
Que êle era um cisne pr'a viver num horto
E eu não passava de patinho tôrto.
Minha mãe pôs em mim seus olhos mansos,
Tranquilos como as águas dos remansos
E tantas vezes me beijou no rosto
Com uma expressão tão triste e tão singela,
Que eu desejei sofrer novo desgôsto
Só para ter novas caricias dela.
A despeito das rixas e perigos
Crescemos ambos como bons amigos,
Vendo o tempo apagar rude e apressado
Esse doce perfume do passado
Que nos infiltra uma saudade louca,
E ainda temos um beijo em nossa bôca,
Um beijo de respeito e de recato
Para beijar, chorando, o seu retrato.
Velhos sem ter ninguem que nos iluda,
Pensamos nela e nos seus bons destinos
Se viva fosse, inda eramos meninos,
Que para o olhar das mães, que nunca muda,
Os filhos continuam pequeninos...

Olegario Mariano

O HOMEM QUE VIU NÃO SE SABE O QUE

J A R B A S   D E   C A R V A L H O

(ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO)

ALI. Disse-nos o guia mostrando-nos com um gesto a casinha que, pela porteira aberta nos bambús, apparecera de repente á nossa vista.

Passado o obstaculo, estavamos num terreiro batido, que circumdava a rustica edificação. Era uma casa baixa, ampla, com tecto de palha e parede de rebôco, com um puxado aberto, onde fumegava um tacho sobre um forno de barro calcinado. Uma mulher esgrouviada e descalça, com o rosto incendido pelo calor do fogo, mexia incessantemente o recipiente com uma comprida espatula de páu.

Deixámos os cavallos atados num mourão de lenha e entretivemos um primeiro dialogo com a dona da propriedade, que nos attendia sem interromper o seu mistér. E nos pediu, então, já que vinhamos de S. João del Rey, que esperassemos mais um pouco, que nos mostraria o seu homem logo que acabasse de torrar a farinha.

Não esperámos muito. Recolheu o producto a um cesto, limpou as mãos no avental de algodão grosso e veiu sentar-se comnosco no comprido banco de jacarandá, lustrado pelo tempo, que havia á porta da entrada.

Era, realmente, verdade quanto nos haviam contado — affirmou a mulher. O homem que descera ao interior da terra pela gruta de Tiradentes estava ali. Vivia, mas vivia como um doente. Alimentava-se por sua mão della. Dormia? Nem sabia, pois todas as vezes que acordava, á noite, via-lhe os olhos de um brilho extranho scintillarem na sombra do aposento. Jamais se deitava. Sempre acocorado, de dia num banco ao canto da casa, á noite no leito commum. E nunca mais lhe pudera arrancar uma palavra...

— Emmudeceu?

— Sim. Os primeiros tres dias esteve como desacordado. Depois, ficou para ahi como se não existisse. Tomei a direcção do sitio. Trabalho.. E vamos vivendo sem contar com elle.

Insistimos por vel-o. A mulher retrucava: "Não adeanta nada, não senhor. Não fala, não póde dizer o que viu..."

Mas, fizeramos aquella viagem com a obsessão de ver esse homem — o homem que vira não se sabe o que.

Por que elle e o companheiro, armados de coragem, e de uma garrucha, uma corda de cem metros e uma lanterna de vigia, se resolveram a explorar o negro buraco que no extremo da gruta de Tiradentes levava, por um declive, ao seio da terra, e voltara sózinho — parecia-nos que a exquisita personagem pudesse dizer ou, ao menos, dar a entender que coisas — extraordinarias e pavorosas a surprehenderam no fundo lobrego por onde se insinuara, dando ordens aos camaradas, em cima, de içar ao primeiro signal. Indagámos:

— Foram içados?

— Só elle. O outro ficou — coitado!

— Deram signal?

— Não, meus senhores, não deram signal algum. Eu fui assistir. Entraram os dois no buraco, com as cordas amarradas á cintura, levando a lanterna na mão esquerda e a garrucha na direita. Tinham coragem. Estavam calmos e diziam: "Isto não tem perigo. Voltamos já." E foram descendo de vagar. Em cima iam dando corda. Quando as cordas chegavam quasi ao fim, um dos camaradas notou que uma dellas estava frouxa, não offerecia nenhuma resistencia. Consultaram-se e resolveram logo, apesar de não terem dado o signal combinado, fossem elles içados. E começaram a puxar as cordas. Uma veiu logo, causando assombro. O homem não estava mais amarrado á extremidade, onde se notava dilaceramento, apesar de se tratar de um grosso cabo de juta. Aturdidos, começaram a puxar o outro para cima, com um certo receio de que nos viesse alguma coisa medonha. E o meu homem appareceu num estado lastimavel. Todo escalavrado pelo arrastamento do corpo, vinha, porém, enrodilhado sobre si mesmo, encolhidinho, com a cabeça entre os braços e as pernas, e duro, inteiriçado, desacordado...

Trouxemol-o para casa. Aqui está desde esse dia, assim, sem poder dizer o que viu.

— Mas...

— Querem vel-o, não é?

— Desejamos muito.

— Os senhores entrem.

E a mulher passou á frente.

Penetrámos na casa

e logo divisámos, a um canto, acocorado num tamborete, uma figura realmente impressionante.

Parámos defronte, a observal-a. Era um homem que parecia ter sessenta annos. Pallido, de uma pallidez cadaverica, vestindo uma calça de zuarte e uma camisa de algodão alvejado, tinha os cabellos todos brancos.

— Já os tinha brancos?

— Não. Tem trinta annos. Ficou assim da noite para o dia.

O homem, porém, não parecia aperceber-se da nossa presença. O busto magro, inclinado para a frente, o rosto apoiado nas mãos e os cotovellos sobre os joelhos, tinha o olhar vago.

— Elle ouve?

— Ouve. Mas, está como idiota. Os senhores não estão vendo?

Approximámo-nos mais, sentámos em outro tamborete, defronte. Puzemos-lhe a mão sobre o hombro. Elle não se mexeu.

— Você não póde falar?

Olhou-nos extranhamente.

— Não póde dizer o que viu no fundo da gruta?

Começou, então, a fixar-nos com brilho polido nas pupillas. Ouvira e comprehendera a nossa pergunta? Cremos que sim. E insistimos:

— O que viu você no fundo da gruta?

Elle não nos respondeu, mas seu corpo todo estremeceu. Os labios finos e descorados pareciam pronunciar extranhas palavras que não tinham som. O busto se tornou mais curvado, e as mãos osseas tinham agitações. Um suor viscoso entrou a descer-lhe pelas temporas latejantes, empapando-lhe o cabello e a barba mal tratada.

Os olhos brilhavam, annuviavam-se, tornavam a brilhar com scintillações doentes, movendo-se inquietos nas orbitas profundas e arroxeadas...

— Que teria visto este homem?!

Deante de nós estava uma creatura differente da que tiveramos ali mesmo, alguns momentos antes. A terrivel perturbação punha signaes indeleveis de sua presença em todo o plano physico daquelle homem. Os tremores intermittentes da pelle amarellada deviam corresponder á incoercivel agitação interior.

E emquanto elle nos fitava extranhamente, tendo os braços esqueleticos estendidos e as mãos agarradas á borda do banco rustico, procuravamos ver atravez das pupillas mysteriosas as coisas horriveis que ellas deviam ter fixado e que a sua voz calara para sempre. E o lampejar dessas pupillas revelavam-nos figuras indecisas e sinistras, figuras cujos contornos se lhe esbatiam na noite insondavel do cerebro atormentado, se refaziam mais horriveis para esmaecerem de novo, numa constante cambiante de sombras monstruosas, onde só fulguravam grandes olhos rubros como fornalhas comburentes.

E a alma profundamente combalida dessa vida prisioneira do terror passava-lhe nas retinas, como numa téla focada por luz sidérea, entre duvidas dolorosas, incriveis afflicções... loucura... espanto... pavor!

O HEROE...

Uma chuva fria chateava os soldados.

Debruçado sobre o fuzil, José Filgueiras esperava, attento, a "manifestação" dos adversarios.

Corria o mez de Outubro de 1930.

Em Minas, os moços, ardorosamente, disputavam um logar no "front".

Elle fôra o primeiro a se alistar. Tambem, quando da propaganda eleitoral, sahira a campo, e puzera, a serviço da Alliança Liberal, toda a sua intelligencia e cultura.

A chuva miúda e impertinente causara-lhe forte dôr de dente, mas não queria dar parte de fraco e aguentou firme.

Para afugentar a dôr, poz-se a recordar a partida.

A sua cidadezinha, perdida no sertão mineiro, recebeu, com surpresa, a noticia do inicio do movimento revolucionario. Mas, logo vieram os discursos na praça publica, os boletins e os manifestos "ao povo livre"...

Batalhão patriotico. Banda de musica. Embarque para o Sul de Minas.

Na despedida, choro á bessa.

A' sua noiva, que lhe pedia que ficasse, respondeu, altaneiro, offendido com o egoismo della: "Sou brasileiro e tenho de lutar contra um Governo prepotente, que espesinhou, além do mais, a minha Minas!"

Um estudante lhe disse: "Essa revolução é uma besteira; não tem ideal..."

Abafa a banca!... A Santa Casa recebeu mair um hospede...

Ia ter naquella manhã o seu baptismo de fogo.

Subito, uma "gallinha choca" pipocou...

Bumba! Os voluntarios se encolheram dentro da trincheira..

Uff!... Que susto...

Temendo-se ferido, José examinava-se todo. Outro companheiro chorava de medo. Um, de joelhos, beijava a medalha de N. S. da Apparecida, murmurando preces. Mais adeante, um caboclo moreno indagava tremulo:

"Já acabou?" Um cabo da Força Publiia, mais corajoso, gritava: "Isto não é nada, meninada! Agora vanceis vae vê a dansa!"

Veiu um sargento animal-os.

Dahi a pouquinho o combate estava acceso. Balas choviam pelos barrancos. Os soldados queriam agora mostrar p'os "besta do Governo"...

A tarde os encontrou no mesmo logar, apenas com uma differença: muitos haviam ido assistir á batalha de mais alto, mas... o corpo ficára!

....

Deitado na relva, José descansava da luta do dia.

Não havia reserva. Cada soldado tinha que dar tudo. Lutar até o fim.

Fechou os olhos para dormir. Da sua vista, porém, não sahia aquelle quadro da morte do Aristeu, o mais joven da turma. Era de sua cidade. A mãe delle recusara deixal-o partir. Fôra José que pedira e que "cavara". Com muito custo, conseguiu, com a illusoria promessa de que Teteu não morreria.

E agora...

Na noite escura formou-se uma visão terrivel. Elle via a velhinha, arcada pelos annos, vir para elle, com os punhos fechados, ameaçando-o, a indagar-lhe com voz fraca e ansiosa: "Onde elle está? "Seu" assassino, você o matou! Você m'o roubou!"

A irmãzinha ingenua, acavallada em sua perna, contava, orgulhosa: "O Teteu vae me trazer uma porção de soldadinhos de verdade..."

Via sombras apontando-o como responsavel pela morte de seu amigo.

E o vulto de Teteu, vomitando sangue, a olhal-o daquelle modo... Era uma accusação? ou. o perdão?...

Não poude dormir. Levantou-se e sahiu, andando á tôa...

Ia indo...

De repente, uma vacca brava, attrahida pelo seu lenço vermelho, quiz provar sua "amisade" e "fechou o tempo"...

Filgueiras esqueceu tudo: revolução, Aristeu, a mãe delle, a irmã e largou o corpo pelo morro abaixo.

A vacca atraz... Arfando de cansaço, avistou as trincheiras e, rapido, metteu-se na primeira.

Uma descarga de fuzil fez-lhe a honra da recepção.

Nas trevas da noite, elle se dirigira ás trincheiras das forças legaes.

....

No dia seguinte, na Ordem do Dia das tropas revolucionarias, lá estava:

"Elogio e promoção — Este Commando, considerando o acto de bravura do cabo José Filgueiras, e o seu heroismo inedito, tentando tomar, sózinho, uma posição dos adversarios, resolveu elogial-o e, como homenagem posthuma, promovel-o a 3.° sargento.

Que o seu sacrificio seja o ultimo que se faça para a Redempção da Patria."

Do outro lado, uma "gallinha choca" ria, ás bandeiras despregadas, o seu riso rouco e tetrico...

DANIEL G. A. PINHEIRO

O SÃO FRANCISCO, que mata a sede do povo, nos sertões de Minas e da Bahia, por onde elle passa como uma bençam da Providencia e uma dadiva do céo, dá tambem o peixe, que é o alimento do pobre, e a margem, que é o mercado natural onde o consumidor se vem abastecer das curimatans gostosas.

O MUNDO EM REVISTA

AS NYMPHAS DO GELO — Da esquerda para a direita: Ruth Lattimer, Helene Cautin, Thelma Cautin e Frances Latremore. Formam o garboso "team" de "skieuses" de Lake Placid (Estados Unidos), que é considerado um dos melhores da Terra.

INAUGURAÇÃO DE UM MONUMENTO — Los Angeles vem de dedicar aos pesquisadores de regiões desconhecidas um magesioso monumento. Durante a cerimonia, falou o director do Observatorio do Mount Wilson, Dr. Walter Adams.

CINCO BONS AMIGOS — Estes tres soldados, que compunham o contingente inglez do Exercito da Paz no Sarre, durante o Plebiscito, "prenderam" pelo coração a dois pequeninos habitantes da zona contestada. Signal de que o policiamento era bom...

ESPONSAES DE ARISTOCRATAS — Lady Moira Forbes e seu noivo, Comte Louis de Brantes, quando se encaminhavam para a egreja de Olonguish (Irlanda) onde se celebraram as suas nupcias. A noiva é filha do conde de Granard e o noivo é um dos mais jovens fidalgos francezes.

CONFERENCIA SCIENTIFICA — Perante uma assistencia numerosa de mathematicos, physicos e cosmologos, o sabio Einstein, do Instituto Carnegie, faz uma prelecção sobre as suas theorias. Elle explica, no quadro negro, por meio de symbolos, a constituição de seu novo mundo.

RAIOS SONOROS — O Sr. Mc. Loughlin, fazendo experiencias, no **hall** do Central Palace, de Nova York, com o seu **projector de raios sonoros.** A demonstração constou da amplificação da musica de um phonographo Record e sua projecção sobre um reverbero, em frente ao qual se achava uma camara photoelectrica. Os raios sonoros podem ser projectados a 45 milhas.

O BOM SEMEADOR — Mussolini, que está vendo realizar-se o seu sonho de transformar em terras uberes varias regiões pantanosas da Italia, visitou, ultimamente, a zona de Littoria. A opportunidade era excellente, e o "Duce", ajudado por um lavrador, pôde colher as primicias do solo.

"MISS SUNSHINE" — Margaret Hunter, rainha da belleza do Estado de Florida, e que vem de ser proclamada "Rainha da Shunshine" para 1935. A bellezinha foi photographada nos seus trajes regios, que custaram uma fortuna.

RAPTO DE UM JORNALISTA — J. R. Gray, 26 annos, chauffeur. Foi preso, semanas atraz, em Miami, quando pretendia receber, num banco, um cheque de 16.000 dollars. Tal cheque foi obtido á força do Dr. Claret, director do jornal "La Información", de Havana, e que Gray e um irmão haviam raptado.

UMA DAMA ILLUSTRE — Um novo retrato da Sra Joseph W. Byrns, cujo marido, que representa no Capitolio o 5º districto de Tennessee, foi o presidente da 74ª Convenção de Congressistas reunida em Washington em Janeiro.

O STAVISKY DINAMARQUEZ — Johann Moeller (á esq.) tem sido o homem do dia, agora, em Paris. Pesa sobre elle a accusação de ter-se locupletado á custa do dinheiro alheio. Montam a 11.000.000 de francos os damnos que occasionou ás praças de França, desde 1912. Foi preso em Cannes e conduzido para Paris com escolta.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

"E elles nem dobam, nem fiam" — Jesus falou do trigo, e não pensava nesta linda paizagem trigal do Paraná.

E' das paginas da Biblia o versículo em que o Senhor, no Genese, entrando no Paraiso e vendo a desobediencia das primeiras creaturas, condemnou-as, bem como a humanidade, a ganhar o pão, com o suor do seu rosto. Não fosse o gesto intempestivo de Eva e talvez não tivessemos de supportar a lucta, incruenta e infatigavel, pela conquista dos meios de subsistencia. O' pão tornou-se, assim, alimento indispensavel de todos os povos e de todas as refeições. Mesmo ás cerimonias religiosas dos hebraicos os pães azimos entram nos seus ritos, symbolisando os principios da vida humana.

Mais tarde, Jesus, ensinando os homens, na sua admiravel parabola descripta em trinta e tres annos, instituiu a mais linda das preces, ou seja o Padre Nosso, em que se pede a Deus, na sua infinita Misericordia, que não nos falte o pão nosso de cada dia... Seria interessante apanhar-se um aspecto da fabricação e da venda do pão que a cidade consome. A reportagem seria curiosa, habilitando o leitor a saber como se faz, e como se vende o alimento precioso na cidade. Entramos numa hora de seu maior movimento quando funccionavam os tres fornos, e os padeiros, por processos hygienicos, preparavam a massa de farinha de trigo, alguns dos quaes com mais de vinte annos na casa, como Albino Amoedo e Augusto Correia. Padaria Vianna, ali na rua Chile, com mais de sessenta annos de existencia na metropole, que existe desde o bom tempo dos tilburys, e continúa em plena época do Zeppelin, acompanhando os progressos da civilização, com processos modernos.

O forneiro, ao calor, robusto, explica-nos que é da turma da manhã:

— Porque temos duas turmas, uma que pega á noite e outra de dia, com as oito horas de trabalho. Emquanto a cidade começa a abrir os olhos e os meus companheiros que, emquanto ella dormia, deixam o trabalho lá, inicio eu a minha lida, preparando o pão da tarde que os distribuidores têm de levar bem cedo, ás onze horas. E' a Vida, meu velho, é a Vida. Tambem ha bons trinta annos não faço eu outra coisa senão pegar o calor do fogo.

Os mestres padeiros preparam a massa. Conversam, contam casos, e uns se mostram desconfiados com a presença do photographo.

O ambiente é quente, abafa. Sahimos. Já estavam os carrinhos promptos para a sahida e uns padeiros levam cestas.

A meninada dos morros e das avenidas, que fazem parte da symphonia da metropole, já os deve estar esperando, para o "lunch" do pobre, que é a média salvadora, alimento de muita gente boa, com o pão allemão ou francez, ou mesmo o brasileiro, quentinho, sahido do forno.

O pão nosso de cada dia... E por sua causa delle, os homens luctam, bracejam, suam, no desespero dessa lufa-lufa diaria da existencia anonyma dos simples e dos bemaventurados da Fortuna. Porque ricos e pobres, operarios e banqueiros nada mais fazem, nesse particular, que cumprir as ordens do Senhor. A serpente é que foi a culpada de toda essa tragedia social.

O forneiro examina attentamente se o pão está prompto.

Distribuindo, em cesta, o pão da manhã.

O preparo da massa é feito ao amanhecer emquanto a cidade dorme.

E elles são muitos, sem o milagre das margens do Tiberiades...

Sahem as carrocinhas, e outros levam o cesto á cabeça, emquanto as creanças esperam o pão da tarde, quentinho.

Os ruidos que flagellam a vida das grandes cidades.

A PROPOSITO DA SEMANA DO SILENCIO

Por

De MATTOS PINTO

O Touring Club inaugurou entre nós, um facto inédito, a Semana do Silencio. O ruido tornou-se o flagello classico das metropoles e para combatel-o, tres grandes nações do mundo, Inglaterra, Estados Unidos e França, já se armaram de medidas defensivas. A idéa bemfeitora partiu dos medicos inglezes, alarmados com os disturbios nervosos, as deformações do ouvido, as neurasthenias, a fadiga mental, a diminuição da capacidade de trabalho, os suicidios epidemicos das capitaes. Tudo isso constitue prejuizos enormes para a saude da nacionalidade. Se o homem precisa se adaptar ao progresso, o progresso deve se adaptar ao homem.

* * *

Sobre a questão dos estrepitos metropolitanos, as suas causas physicas e mechanicas, os effeitos physiologicos e psychologicos, os processos de defesa e de combate, Brachet, Rothé, Marival, Jacobs, Houllevigue, divulgaram informações curiosas dos trabalhos emprehendidos pela sciencia, em Londres, Nova York e Paris. Por elles, vemos a mobilização dos conhecimentos scientificos, na ardua e complicada tarefa, de defender as metropoles, assediadas pelos clangores do progresso. Sirenas dos autos, gritos dos jornaleiros, trepidações dos bondes, vozes metallicas dos auto-falantes, silvos das campainhas, ullulos dos *camelots*, bimbalhos das locomotivas, estridores de aviões se reunem para formar o ambiente inquieto, que distingue as cidades cosmopolitas, onde o proprio silencio da noite é fugaz, esquivo, sempre quebrado pelo gemido da civilização, que jámais dorme. Contra o vicio do estrepito, a sciencia desdobra a sagacidade dos seus inesgotaveis recursos.

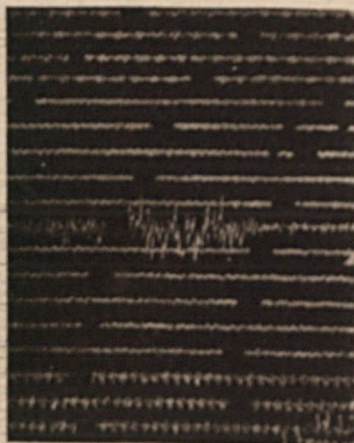
* * *

O inquerito da Associação dos Medicos Inglezes, apresentado por sir Robert Armestrong Jones, indicou os desastrosos effeitos do ruido: — alteração da sensibilidade do ouvido, diminuição do trabalho intellectual, disturbios do systema nervoso, turbações sobre os recem-nascidos, influencia nociva sobre as creanças. Eis os flagellos do progresso mechanico.

Trepidações da passagem dos bondes registradas no Instituto de Physica do Globo, de Strasburgo.

Encarregada de apreciar as causas e os effeitos das trepidações urbanas, a Commissão de Hygiene de Nova York emprehendeu a curiosas experiencias, de varias naturezas, nas multiplas categorias do trabalho. Na Colgate University, o professor Laird escolheu alguns dactylographos, para as observações dos effeitos do fragor. Distribuiu um texto, a varios homens e mulheres, escrevendo á machina, num recinto silencioso. Depois o mesmo texto passou a ser dactylographado, num meio trepidante. O professor Laird obteve resultados apreciaveis. Verificou nas experiencias da Colgate University, onde as trepidações urbanas foram produzidas artificialmente, mas sob um criterio scientifico, prejuizos de tempo e de perfeição do trabalho. No ambiente rumoroso, o tempo exigido para redigir uma carta, augmentou de quatro por cento. A perfeição do trabalho decrescia para os dactylographos rapidos, sendo menos sensivel nos dactylographos lentos. Quer isto dizer, que o estrepito exige maior attenção, e por conseguinte, fatiga mais. Devemos lembrar, que a anomalia occorre todos os dias, todos os mezes, o anno todo, e continuará através das gerações, se os isolantes acusticos não vierem em auxilio da nossa sensibilidade. Na França, a iniciativa do Touring Club, se manifestou praticamente, por varias pesquisas. Assim, Dalbrouse observou os tumultos industriaes, Goudard analysou as trepidações das motocycletas e dos autos, Soulier examinou as sonoridades da radio-diffusão, Berguet pesquisou a trovoada dos aviões. Cellerier inventou uma sonda phonica, para classificar os ruidos. O tremor da vida industrial, nas metropoles superlotadas de machinas, mereceu até a attenção da sismologia. Em Strasburgo, Rothé conseguiu registrar a passagem dos bondes, com pendulas sismographicas sensiveis aos rumores das cidades.

Quando scientistas de Paris, Londres, Nova York, medicos, administradores, engenheiros, se alliam contra o ruido, porque estamos deante de um mal, cuja pathologia começa a preoccupar o mundo.

O Touring Club da França tem por lemma, um salutar principio: — o silencio de cada um garante o repouso de todos.

A professora Riva Pasternak, entre suas alumnas.

A voz que a Ukrania nos mandou

Por Tapajós Gomes

CONHEÇO Riva Pasternak desde poucos dias depois que aqui chegou, creio que em 1924. Ella estava ainda nessa phase de ansiedade, que é toda a inquietação dos que chegam em terra estranha, uma saudade louca da patria distante e um pavor immenso do dia de amanhã. Trazia, porém, esplendidas credenciaes para vencer: um primeiro premio do Conservatorio de Ekaterinoslaw, na Ukrania; alguns annos de pratica de leccionar, como assistente de Mario Antonelli, seu antigo professor; uma voz muito bella e muito fresca; um talento artistico de primeira grandeza; uma mocidade radiosa e uma enorme vontade de ser feliz. E Riva Pasternak enfrentou a vida com coragem. Uma mão generosa e forte guiou o seu primeiro passo: foi a do Senador Antonio Carlos, que lhe deu a primeira discipula: Theresinha Gama de Andrade. Depois, outras vieram vindo: Mme. Almirante Marques Couto, Mme. Lindolfo Collor emfim, uma brilhante pleiade de bellas vozes e bellos talentos tem recebido os conselhos e as lições da professora emerita, que é hoje uma das mais conceituadas do Rio de Janeiro.

Ainda agora mesmo, o publico applaudiu com prazer algumas discipulas que lhe foram apresentadas pela professora illustre: Alita Vasconcellos Bastos, Amelia Machado, Bêbê Cavalcanti, Celia Vieira, Geiza Ribeiro da Costa, Gloria Monteiro, Helena Figner, Ruth Abranches, Ruth Bulhões, Ruth Magalhães, Zuleida Calvet.

Deante do programma exhibido todos viram a habilidade da mestra tirando todo o partido da habilidade das alumnas. Vozes differentes, pela extensão, pela côr, pela maleabilidade, pelo timbre, pelo caracter, emfim, pelas condições peculiares a cada uma, todas ellas, entretanto, demonstram o acerto da classificação, o cuidado da escola que as conduz com criterio e com segurança.

Mas não é de hoje que Riva Pasternak tem, no Rio, os seus creditos de professora consolidados. Pouco tempo depois que aqui chegou, podia considerar-se victoriosa. Aquelle pavor immenso do dia de amanhã havia passado. O Rio acolhera-a com tanto carinho e com tanta generosidade, que ella começava a comprehender que a gente bem póde ter duas patrias: a do nascimento e a do coração.

Foi isso que Riva Pasternak me disse um destes dias, quando resolvi tomar estas notas da palestra que com ella mantinha.

— Eu hoje adoro o Rio, porque o Rio me fez feliz. Encontrei aqui amigos tão sinceros e corações tão generosos, que nunca senti, verdadeiramente, a impressão de estar tão longe de meus paes, de meus irmãos e de meus amigos. Logo que aqui cheguei, alimentava, naturalmente, o desejo de voltar. Hoje, só uma idéa me preoccupa: a de nunca mais voltar — a não ser para uma visita aos meus, que lá ficaram. Adoro o Brasil e seu povo — povo intelligentissimo, que tem uma maravilhosa intuição de tudo, e, por isso mesmo, capaz de todas as maiores conquistas da intelligencia.

— E que acha dos brasileiros, como musicos?

— Para impôr o grande valor da musica do Brasil, basta citar meia duzia de nomes: o maravilhoso Nepomuceno, Oswald, o deliciosо Francisco Braga, o Massenet brasileiro; e os modernos Villa-Lobos, Lorenzo Fernandes e Mignone.

— Evidentemente, a sua musica predilecta é a russa?

— O que não me impede de adorar os classicos: Scarlatti, Donandi, Mozart, Beethoven, Pergolezzi, Lotti, Glück, Haendel e outros.

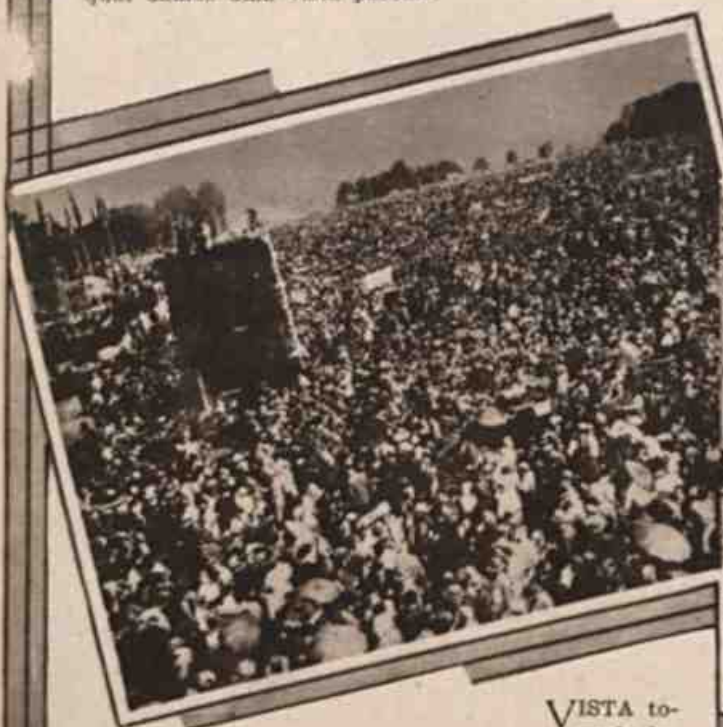
— Quando gosta você de cantar?

— Só gosto de cantar perante quem entende. E foi por isso que, seguindo o conselho de Scriabini, não segui a carreira do theatro. O theatro lembra sempre a multidão, isto é, a mistura.

A professora Riva Pasternak

O socialismo de facto. Com o resultado das contribuições de empregados no commercio, firmas commerciaes, etc., foi offerecido pelo Deutschen Arbeitsfront, Ortgruppe Westend, um almoço para 15.000 pessoas necessitadas do qual damos uma vista parcial.

A ALLEMANHA DE HOJE

VISTA da historica fortaleza de Ehrenbreitstein, em Koblenz, onde se realizou uma grande manifestação em favor da volta do Territorio do Sarre á Allemanha, durante a qual Hitler pronunciou vibrante discurso.

VISTA tomada durante o discurso proferido por Hitler na fortaleza de Ehrenbreitstein, em Koblenz, por occasião de uma manifestação da reintegração do Sarre no territorio da Allemanha.

AS commemorações do grande poeta Frederico von Schiller. O Führer Adolf Hitler e os Ministros do Governo assistem á representação commemorativa de uma das peças do grande dramaturgo.

— Sua maior emoção artistica?

— Têem sido tantas! Por exemplo, o primeiro concerto que assisti, menina ainda: Auer com Iessipora. Dois velhinhos maravilhosos... Uma impressão muito intensa também me acompanha sempre: foi quando, em 1912, o meu Conservatorio prestava uma homenagem á Commissão de Inspecção do Ministerio da Instrucção de todas as Russias. Faziam parte dessa Commissão: Scriabini, Rachmaninoff, Glassounoff e Hyppolito Ivanow, este ultimo director do Conservatorio de Moscou. Eu era um nadinha de gente, mas estava no programma para cantar Krestintine e Borodini. Vendo-me garota e viva, Scriabini quiz saber a minha idade. Tive a intuição de que o mestre me considerava muito criança para cantar. E fugi espavorida. Depois acalmei-me e voltei ao salão. Na minha hora, cantei e fui applaudida. O meu medo havia passado. E confessei então a minha idade:

— Quinze annos!

Quando acabei de cantar, foi que recebi de Scriabini o conselho a que ha pouco me referi:

— Nunca entre para o theatro.

E nunca entrei. Scriabini orientou minha carreira artistica. Tenho feito sómente musica de camera e conquistado muitos applausos.

— O seu maior triumpho?

— O meu maior triumpho conquistei-o em um concerto que não foi meu. Eu me explico. Todos os annos, os estudantes da minha cidade — Ekaterinoslaw — realizam concertos, espectaculos e festas destinados a angariar recursos para a Casa dos Estudantes. Naquelle anno, ainda em 1912, o "clou" era o concerto de Botcharoff, o maior, o mais celebre baritono russo de então. Quando chegou, Botcharoff declarou que desejaria cantar um duetto: o da opera D. Juan, de Mozart, mas que só cantaria com uma soprano joven, bonita e artista. Para procural-a, declarou que iria ao Conservatorio. E foi. Ouviu todas as alumnas em condições de arcar com a responsabilidade da musica, e, por fim, escolheu-me a mim, para ter o prazer e a honra de cantar um duetto, com o maior baritono russo daquella época. Quando acabámos, a assistencia, num enthusiasmo verdadeiramente delirante, fez-nos uma acclamação que durou alguns minutos. Fomos chamados diversas vezes. Por fim, era preciso deixar o palco. E Botcharoff estava de tal fórma satisfeito com o successo que, para sahir, carregou-me ao collo em triumpho! Afinal, eu era ainda uma criança...

PINHAL DE AZAMBUJA

Por BERILO NEVES

A saudade é a antithese das leis: só tem effeito retroactivo. Por isso mesmo, não possue nenhum poder para nos fazer felizes ou infelizes...

—o—

O bocejo é uma expressão do vasio do cerebro: é a bocca, com as suas baterias de dentes, a lembrar-se do bife da vespera ou do feijão preto da manhã... Uma mulher que boceja, nunca deve casar-se com um homem intelligente: é certo devorar-lhe as illusões...

—o—

As almas são como os mata-borrões: vão ficando manchadas á medida que entram em contacto com a vida. Algumas dellas lembram mata-borrões de cartorio: pontilhadas de riscos e garranchos exquisitos...

—o—

Ha pessoas tão pobres que, em materia de bens de raiz, só possuem os dentes e os cabellos...

—o—

O carinho é o assucar que o homem põe nos seus gestos para os differençar dos couces, que são gestos sem assucar...

—o—

Discutir um amor é perdel-o: elle não existiria se fosse preciso justifical-o...

—o—

Só existe uma especie de reacção: que não é ridicula: a reacção de Wasserman...

No amor e no romance, a gente tem, sempre, a tentação de correr á ultima pagina para ver o desfecho...

—o—

A velhice é o regresso á inconsciencia dos primeiros annos. A infancia é a razão em flor. A morte é a insensibilidade definitiva. Na encruzilhada desses tres caminhos, pergunta o homem a si mesmo: onde está a ventura?

— No somno, que não é consciencia, nem inconsciencia, nem morte...

—o—

O pronome é o unico sujeito por cuja collocação ainda existe alguem que se interesse...

—o—

Esperar é a unica funcção honrosa para quem não sabe fazer outra cousa...

—o—

Só ha dois animaes que vivem, sempre atraz de rabos de saias: o homem e o cachorro. Tambem, elles se parecem tanto!...

—o—

A Natureza deu voz de tenor ao gallo para mostrar que a funcção da gallinha não deve ir além do ciscar no terreiro...

—o—

Se o amor se pagasse em prestações, só a primeira prestação seria paga...

—o—

A chuva tem alma de mulher: gosta de apanhar, de surpreza, os pobres diabos que deixaram em casa o guarda-chuva...

—o—

O homem casa-se como quem vae para a guérra. A mulher casa-se como quem vae para um chá-dansante...

—o—

Não ha nada que se pareça mais com a conversa das mulheres do que essa chuvinha miudinha que se prolonga pela noite a dentro, só para fazer pirraça aos guarda-civis de serviço, aos vendedores de jornaes e aos conductores de bonde...

—o—

O amor nunca envelhece: morre, sempre prematuramente, como as creanças que nascem mal conformadas...

—o—

Os instinctos são o **basfond** da alma humana: só se mostram aos intimos...

—o—

Ha quem metta a ridiculo o carangueijo porque anda um passo á frente e outro atraz... Como os homens são tólos! O carangueijo sabe que, num carro de bois ou num avião, a viagem para a Morte tem, sempre, a mesma distancia...

—o—

A agua é como certas consciencias humanas: não tem fórma propria. Amolda-se, por isso, á forma do vaso que a contém...

—o—

Os ricos são os inquilinos do Mar. Quando vasam, é porque vão deixar ao Oceano o aluguel das aguas que utilisam. Como todo individuo que não tem onde cahir morto, os rios abstêm-se de fazer ressacas e nem sequer têm ondas...

—o—

A esperança é uma letra promissoria que a imbecilidade humana acceita e que o futuro quasi sempre se recusa a pagar...

MALUQUICES

Um maluco "reinando".

QUEM disse que o mundo é um vasto manicomio não está longe da verdade, pois ainda não se encontrou um habitante deste globo desequilibrado que não tivesse sua mania. O amor é uma loucura que só a morte póde curar.

Muitas pessoas arrematam um acto de loucura com outro peor, enlouquecem de amor, e ficam doidas varridas casando-se.

Ha mais tolices que palavras e seria caso raro encontrar quem conseguisse raciocinar tres minutos seguidos. Tanto o doido como o homem de juizo pensam que os outros são malucos. Além disso, a loucura é uma especialidade da humanidade, um privilegio de que os animaes inferiores *não gosam*.

O louco perde a consciencia da propria personalidade, e vive como que sonhando as imagens descontroladas que se succedem no cerebro como se uma porção de films differentes se projectassem simultaneamente sobre a mesma tela.

Ha mais manias que idéas o que faz com que se torne difficil distinguir um louco entre gente ajuizada.

Uma visita a qualquer hospicio póde dar idéa de scenas interessantes, que ás vezes deixam o visitante ainda mais maluco.

Tivemos occasião de fazer uma visita ao Hospicio Nacional, que tambem é conhecido pelo antigo numero telephonico 70 Sul, Hotel da Praia Vermelha, etc. isso graças a um amigo especialista no assumpto. Seu "pavilhão" era o mais alegre de todos e os camaradas que o occupavam eram todos cavalheiros folgazões que nos receberam com extrema cortezia.

O meu amigo doutor dirigiu-se a um homem circumspecto, com grandes oculos de tartaruga e avental.

— Então, collega, a intervenção é p'ra já?

— Sem demora. Estou esperando o anesthesico.

O amigo explicou-me que o interpellado era um cirurgião que viera para operar um dos loucos, que se via ao fundo do pavilhão coberto por um lençol.

— Posso assistir á operação? — perguntei.

— Sem duvida. Elle vae praticar a extracção de um objecto que o paciente enguliu.

Os outros, em grupo, commentavam e faziam allusões á proficiencia do cirurgião, cuja calma era assombrosa.

Approximei-me da mesa operatoria. Lá estava o paciente, quasi immovel.

Um assistente praticou a chloroformização, cujo cheiro muito me intrigou, mas calei-me para não demonstrar ignorancia na materia.

Destes dois quem é o idiota?

Meu amigo não quiz intervir, deixando que o cirurgião operasse á vontade, e convidou-me a não me approximar muito porque eu estava desprovido de mascara. Confesso que comecei a não enxergar direito, pois o operador, com uma calma admiravel estava cobrindo com o seu corpo a cabeça do paciente e de vez em quando brandia no ar um objecto que parecia um instrumento cirurgico.

Os outros assistiam com grande respeito, calados, olhos dilatados ao desenrolar da intervenção que para mim era um enigma.

Abria-lhe a garganta? O estomago?

Minutos se passaram, que me deixaram bastante deprimido. Para que o meu amigo, que era habil cirurgião, deixasse o collega illustre operar á vontade, só isto significava quanta confiança depositava nelle e no exito da extracção mas... que diabo teria engulido esse homem?

Afinal ouvi um suspiro de allivio e a palavra "prompto".

Estava terminada a operação.

— Doutor, — perguntei ao meu amigo — que é que seu collega extrahiu?

— Um pedaço de gelo que elle enguliu hontem.

Quasi desfalleci. Que gelo esse que não se derreteu até hoje!

— Vae convencer um louco. O "cirurgião", que é outro maluco, teimou que devia extrahil-o e eu deixei que o fizesse.

— De que geito operou?

— Instrumentos cirurgicos recortados de um catalogo; anesthesico: um perfume qualquer em algodão e outro maluco convencido de que ainda tinha o diabo do gelo atravessado no gasganete.

— E' boa! E os outros, assistindo com aquella convicção ao acto operatorio?

— Tomaram a serio uma loucura, assim como nós julgamos loucura muita coisa seria.

— Bravo, doutor — cumprimentou o meu amigo, ao seu collega — o senhor é um grande cirurgião. Praticou uma intervenção brilhante.

— Bondade sua, — collega. A operação, entretanto, não está terminada. Retirei o figado para exame, pois percebi que está com o parenchyma neurotico ankylosado no terço inferior do pericardio. Amanhã enviarei um relatorio á Academia.

E sahiu trunfo, emquanto o paciente fazia gymnastica respiratoria. Deixei o hospicio antes que se apercebessem que meu juizo estava dando voltas como barata tonta.

YANTOK

Operação cirurgica. Extracção de um pedaço de gelo que um homem enguliu.

O poeta que viveu perigosamente

Henriqueta Lisboa

(ODELLI ILLUSTROU)

AQUELLE cuja vida foi uma desesperada aventura, não apenas literaria mas tambem politica, o que nos seus arranques poeticos, assim como no seu tablado de acção, viveu de modo estrepitoso e másculo a divisa vertiginosa de Nietzche, estava mais que ninguem esculpido para morrer tragicamente.

Tão verdadeiras são as palavras com que Mussolini deu por terminados os seus colloquios com Ludwig:

— "Morre cada qual da morte que corresponde ao seu caracter".

Uma lamina de aço, relampagueante, cortou o fio sobre o qual se equilibrava no abysmo o gigantesco poeta da America. E ao tombar no eterno silencio o corpo daquelle que ainda tinha tanta verdade que dizer, repercute no continente vasto um clamor de revolta contra as mãos assassinas.

O que viveu de indignações e pregou a rebeldia do espirito, depois de morto havia de ser chorado raivosamente.

O poeta da America! Era este o seu titulo de nobre, era este o seu brazão e elle se vangloriava de possuil-o em altas vozes, porque nunca soube dizer uma palavra em segredo. Fosse outro o bardo da humildade lyrica e das confidencias em surdina. Elle queria ser grandiloquente e forte, desbravador de caminhos, novo Tyrteu conduzindo os povos do sul para o triumpho de todas as batalhas. Como poucos sentiu o ardor da terra em formação, auscultou o rythmo offegante das raças que se fundiam. E só se consolou de não ter vivido na época cyclopica das conquistas, onde pudera ser um outro Pizarro ou, paradoxalmente, um indio imperador, quando comprehendeu que havia nascido para cantar este passado fulgido.

Originalidade e exorbitancia são as notas caracteristicas do seu estylo. E esta vibração, este fogo, que nos transmittem seus poemas, vem sem duvida da correspondencia que existe entre a alma e o corpo da sua poesia, si assim posso expressar-me.

O espirito de Santos Chocano era um vulcão, de onde o verbo ascendia como lava. Podia estar errado o seu itinerario. Mas nunca deixou de coincidir com a sua verdade interior.

Foi quasi que exclusivamente um poeta objectivo, este Colombo do verso, como a si proprio se chamava. Humanisando, porém, cousas, dando sentimento ás pedras, realizou o milagre de fundir o espirito com a materia, elevou o naturalismo a um plano transcendental, foi o mystico da Natureza.

Irmão de Diaz Mirón e Almafuerte, mais de uma affinidade tem igualmente com Salvador Rueda, sendo este mais concentrato em si mesmo. Ambos dominam magistralmente os dois grandes elementos artisticos: a côr e a musica. Em ambos, a mesma fascinação pela metaphora. Para ambos, cada palavra tem um sentido occulto que é mister revelar e cada assumpto exige o seu rythmo. Mas o mundo do poeta peruano, que costumava dizer arrogantemente: "Homero e eu", é infinitamente maior. Selva de arvore nova, sua inquietude não conhece obstaculos.

"Soltaba sus versos como si fueran potros no domados" — para aproveitar-me de uma phrase com que a Walt Whitman se refere Ventura Garcia Calderon.

Quando publica "Alma America", Chocano renega os seus versos anteriores, num gesto que tem algo de candidez heroica. Mais tarte, em "Fiat Lux", estes versos resurgem em roupagens mais bellas e mais simples. As suas grandes paixões foram a selva, os rios, o passado e o futuro. Melancholia e fortaleza que, segundo o mesmo autor de "Iras Santas", são as qualidades innatas da poesia americana, perfumam sua obra como o vento dos tropicos. Deante da mulher, cujas graças physicas uma ou outra vez cantou, sua attitude foi a de um sensual romantico, revelando menos os seus proprios sentimentos, para mais realçar os galanteios, de herança hespanhola.

Alguns poemas lyricos, entre os quaes "De viaje", em que deplora os caprichos do destino que lhe permitte divisar por um momento a mulher sonhada, para depois tornal-a inattingivel, e "La canción del camino", em que renuncia ao amor para não fazer soffrer, revelam a sensibilidade do coração que não teve tempo — quem sabe? — de mostrar os seus intimos thesouros, porque o espirito desprendido de egoismo se dedicara a mais amplas cogitações:

"...Y entonces sacrifico mis bellas baratijas,
como los viejos nobles que echaban sus [sortijas
al bronce destinado para fundir campa- [nas..."

"Los caballos de los conquistadores", poema que parece talhado em bronze, e cuja cadencia impressionante é a propria pulsação da historia, offerece tambem uma prova da sua grandeza de alma, aberta a toda a creação:

..."¡ Nó ! No han sido los guerreros [solamente,
de corazas y penachos y tizonas y estan- [dartes,
los que hicieron la conquista
de las selvas y los Andes:
los caballos andaluces, cuyos nervios
tienen chispas de la raza voladora de los [árabes,
estamparon sus gloriosas herraduras
en los secos pedregales,
en los humedos pantanos,
en los rios resonantes,
en las nieves silenciosas,
en las pampas, en las sierras, en los bos- [ques y en los valles.
¡ Los caballos eran fuertes !
¡ Los caballos eran ágiles !"
. . . .

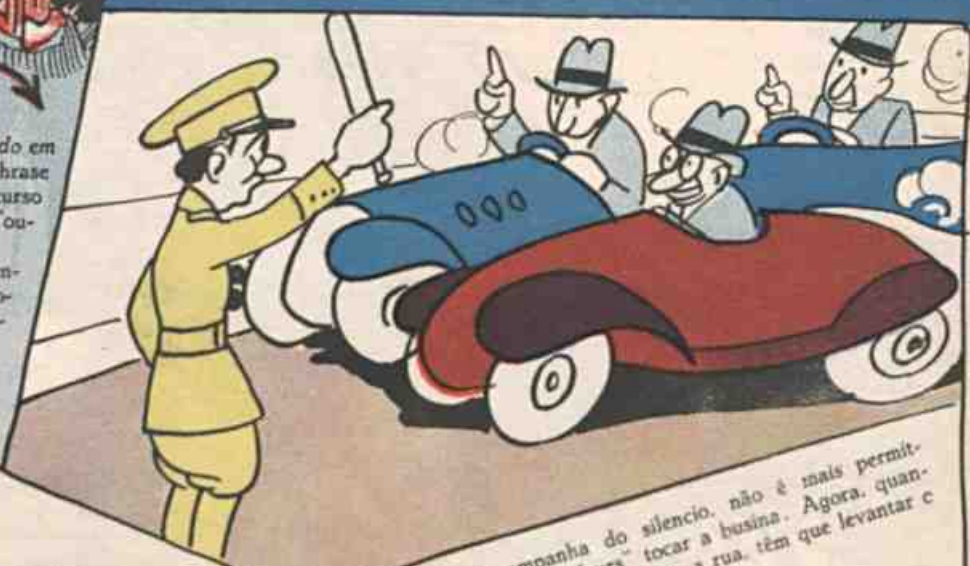
Ninguem poderá contestar o que de Santos Chocano disse Ruben Dario:

..."Su brazo es para levantar la trompeta hacia donde se anuncia el reyno del [Profeta".

Seu braço já não tem força, é verdade, mas suas cinzas ainda terão calor bastante para transmittir a mais de uma geração o seu enthusiasmo pela poesia viva da America.

POR STORNI

Acreditem ou não...

Deus fez o mundo em silencio, foi a phrase premiada no concurso contra o ruido do Touring Club.
O autor naturalmente é surdo e não conhece a *pre-historia*... do mundo.

Com a campanha do silencio, não é mais permittido aos "chauffeurs" tocar a busina. Agora, quando quizerem atravessar a rua, têm que levantar o dedo...

Um scientista hollandez sahiu dos seus cuidados para viajar de submarino nas costas do Brasil, onde descobriu que em Pernambuco existem crateras submarinas. Naturalmente foram vulcões postos a pique na época da revolução da Atlantida!...

Foi descoberto no Pará um depilatorio surprehendente. O individuo que o usar ficará sem cabellos, bigodes, barbas e até sem as sobrancelhas! Está ao alcance de qualquer bolsa, pois o seu preço é *barato*...

O suffragio universal soffreu mais alguns arranhões na sua nova e lamentavel experiencia.

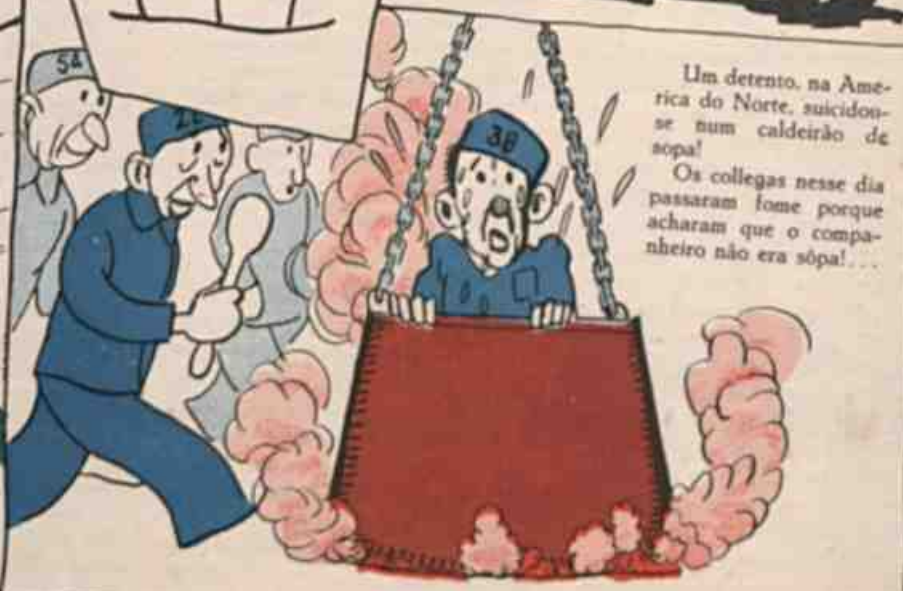
FRAUDE

SUFFRAGIO!

CHACO

O Brasil acceitou a mediação para a solução do Chaco. Desta vez o macaco velho vae metter a mão em combuca!...

CASCADURA

Para acabar com os pingentes vamos ter um grande *pingente* aereo.
Boa bóla!

Um detento, na America do Norte, suicidou-se num caldeirão de sopa!
Os collegas nesse dia passaram fome porque acharam que o companheiro não era sôpa!...

O Julgamento de Hauptmann

Bruno Hauptmann, que se vê a conversar com sua esposa (de costas para o leitor), tem-se defendido inutilmente das accusações terriveis que pesam sobre elle. Está, pode-se dizer, entre a cruz e a "cadeirinha" electrica. Os juizes opinam que, si elle não for condemnado pelo rapto, o será pelo assassinio do filho de Lindbergh.

O coronel Lindbergh (á esquerda) e Bruno Hauptmann (á direita). Ao fundo, Edward J. Reilly, presidente do Conselho de Defesa, e seus assessores David T. Wilentz e Lloyd Elsher. Photographia apanhada no Jury de Flemington, durante a sessão de 7 de Janeiro ultimo.

DE CLEOPATRA

ROMANCE CINEMATOGRAPHICO DA PARAMOUNT

(FINAL)

O vencido é sempre objecto de escarneo. Marco Antonio e suas passadas glorias não escaparam á lei. As legiões de Octavio mofavam delle.

Sentindo-se perdido foi encerrar-se no palacio, pediu vinho, disposto a pôr fim á vida. Vira Cleopatra fugir-lhe, procurando o vencedor, e interpretara mal a resolução da rainha.

Cleopatra, no emtanto, fôra implorar a Octavio o perdão delle para Marco Antonio e para ella.

Julgando-se abandonado por Cleopatra, Marco Antonio suicida-se

CINEMA

Por MARIO NUNES

— Perdoar-lhe a vida? Nunca! E tu mesma serás conduzida a Roma acorrentada!

E virando-se para os seus soldados:

— Encarcerai-a!

Enobardo oppoz-se. Cleopatra viera parlamentar. Devia voltar ao ponto de onde partira. Fizera preceder-se de um ramo de oliveira. Os costumes de guerra exigiam que se a respeitasse.

Octavio accedeu.

— Vae e despede-te delle com um ultimo beijo! disse.

Chegando ao palacio, Cleopatra correu para perto de Antonio. Relatou-lhe o fracasso de sua tentativa e ajuntou:

— Fujamos! Fóra, ha cavallos á nossa disposição, alcançaremos o rio, embarcaremos e, com remadores fieis, subiremos o Nilo em busca da felicidade no amor...

De repente Cleopatra verifica que Marco Antonio está ferido! Elle não comprehendera seu nobre sacrificio e ainda a manda de novo ao encontro de Octavio que é, agora, Cesar. Ella lhe explica a que fôra e o resultado negativo da sua tentativa. Abraçam-se, beijam-se pela ultima vez e nos braços de Cleopatra morre Marco Antonio...

Carmion e Iris, as duas fieis escravas vêm avisar a rainha que os romanos forçam as portas do palacio. Ella sem abandonar o corpo ainda quente do amante manda que se lhe preparem as vestes reaes. Assim se apresentará ao fero conquistador a Rainha do Egypto!

As portas cedem, estalando. Carmion diz á sua senhora que prefere morrer a vêl-a entrar em Roma como prêsa de guerra. Cleopatra tranquilliza-a. Salvar-se-á. Pede a cestinha de figos e em trajes reaes no throno, despede-se de seus amigos serviçaes e escravos, retira do cesto uma vibora e a encosta ao seio tumido. O reptil morde-a. A acção do veneno é rapida. Quando Octavio entra na camara real e a vê sentada no throno, a cabeça cahida sobre o peito grita-lhe que será levada a Roma acorrentada, como refem de guerra. Cleopatra nada replica. Está morta.

Aquelle era o nobre e glorioso fim da illustre descendente de tantos e gloriosos reis!

Nesta historia Cleopatra é Claudette Colbert; Julio Cesar, Warren William; Marco Antonio, Henry Wilcoxon; Herodes, Joseph Schildkraut; Octavio, Ian Keith; Calpurnia, Gertrude Michael; Enobardo, C. Aubrey Smith; Appolodoro, Irving Pichel; Bruto, Arthur Hohl; e Carmion, Eleanor Phelps.

Os Films historicos e seus grandes interpretes

Marlene Dietrich no papel de Catharina, a Grande, da Russia, no film "A Imperatriz Galante", da Paramount.

Norma Shearer como Rainha Maria Antonietta, da França, no film "Marie Antoinette", da Metro-Goldwyn.

Charles Laughton como Henrique VIII da Inglaterra, no film "Os Amores de Henrique VIII", da London-Films.

Douglas Fairbanks no papel do Czar Pedro III, da Russia, no film "Catharina, a Grande", da London-Films

Greta Garbo como Christina, da Suecia, no film "Rainha Christina", da M. G. M.

Aspecto apanhado durante a cerimonia religiosa.

ENLACE ELFA SOARES DE MOURA - DR. ISAC CABIDO NETO

Os noivos no altar da egreja N. S. Mãe dos Homens, após o acto religioso.

ENLACE STA. LUIZA F. RAMOS - TENENTE BENEDICTO SEQUEIRA

Os noivos e seu cortejo nupcial, antes da cerimonia religiosa.

SENHORA ///

SENHORITA...

Ahi vem o Carnaval. A folia na rua. E os bailes Carnavalescos.

A festa maxima do carioca, pouco a pouco se vem deslocando das calçadas para os salões de dansa.

O Carnaval aristocratiza-se...

Porque bebe champagne e cerveja ao som do "jazz".

Ainda assim, ha "cordões" que se não dispensam: os que se formam, por exemplo, em frente ao Jockey em plena Avenida.

Qual a phantasia na moda, em 1935?

"Pierrots", palhaços, colombinas, o celebre dominó, havaianas saltitantes, hespanholas magnificas, gente vestida á antiga, á moderna...

Ahi vem o Carnaval.

Nesta pagina, algumas idéas de graciosa "transformação".

Sorcière.

DAMA DE VENEZA

DE TUDO UM POUCO

NA ESTEIRA DE UMA VELA...

(Maria Eugenia Celso)

Sobre a água pensativa da lagôa
Passa uma véla...
Uma véla que veiu não sei de onde
E vae se embora, atôa,
Só para não ficar presa á amarra do chão
Uma véla tão branca e tão ligeira
Que foge assim, numa carreira
Onde advinho a ebriez de uma evasão...
. . . .
Ah! Poder ir com ella,
Sem pensar na loucura da partida,
que importa para onde?...
E, rumo aos longes da distancia extrema
Londe... longe de tudo que te algema
A' tua estreita vida,
Ir embora... ir embora,
Horizonte afóra,
Mais longe ainda do teu coração!...

O SONHO E A VIDA

...Ha mais de um sonho em cada vida. Talvez tantos quanto tempo se viva. Para mim o ultimo é: "Saber". O mais longo, penso o menos realizavel.

Maurice Maeterlinck

—:—

...O sonho de minha vida? A solidão entre amigos perfeitos. Um clima temperado, portanto excitante. Livros de belleza que não fatiguem. Alegria, mas sempre misturada a um pouco de seriedade. Sensualidade sem remorso, amor sem tristeza... "Contradictio in terminis", direis. Se duvida, mas os sonhos são absurdos.

André Maurois

—:—

Ser invisivel.

Paulo Morand

—:—

Um sonho?

Um sonho verdadeiro que vos embriaga, que vos obseca...

Todos os homens da minha idade o tiveram durante a guerra: voltar vivos.

O sonho realizou-se. Não quero mais nada.

Roland Dorgelès

Frances Drake da Paramount Suggestão para o Carnaval.

NOTA CINEMATICA

Greta Garbo — John Barrymore

Uma das noticias mais sensacionaes de Hollywood é a mudança de Marion Davies, da Metro, para a Warner First National. Informam os entendidos que a fabrica do leão perde muito com isso, porquanto a publicidade que lhe assegurava a loira millionaria em mais de cem jornaes, será, fatalmente, deslocada com a remoção da "estrella".

—:—

Clara Bow recolhe-se ao seu rancho, com Rex Bell, para cuidar do filho do casal, um pequenito cujo nome ainda não foi escolhido.

Norma Shearer tambem espera ser mãe, dentro em breve.

—:—

A original heroina de "Nós e o Destino", Margaret Sullavan, casou, emquanto filmava "The Good Fairy", com o director William Wyler.

—:—

Gloria Swanson archiva o seu quarto esposo, Michael Farmer, com a mesma facilidade com que se divorciou de Wallace Beery, Herbert Somborn e o Marquez de La Falaise.

O motivo é o de todas: victimas de crueldade...

—:—

Greta Garbo, ao que asseguram, está ennamorada de George Brent. O romance iniciou-se com o preparo de "The Painted Veil".

—:—

O "flirt" Kay Francis — Maurice Chevalier, o que parece, esmoreceu.

A morena "estrella" está enthusiasmada pelo Dr. Branch, um dos mais illustres medicos da colonia cinematica.

—:—

Joan Crawford e Norma Shearer terão, ainda este anno, séria rival nos assumptos da téla: Rosamond Pinchot, filha do Governador da Pensylvania.

FLORES

As flores variam na hora de desabrochar segundo o clima. Uma planta africana que abre as flores, no paiz nativo, ás seis horas da manhã, no norte de Hespanha só abrirão ás nove e ás dez ao norte da Europa.

Está provado que as flores que até doze horas não desabrocham na Africa, em hora alguma se abrem se são transportadas para a Europa, excepto as tratadas em estufas.

PARA O CHÁ

BOLO DE BAUNILHA

½ chicara de manteiga, 1 chicara de assucar, 1 colherinha de chá com essencia de baunilha, ½ chicara de leite, ½ chicara de maizena, 1 colher de fermento, 2 ovos.

Amassa-se a manteiga com o assucar; juntam-se, a seguir, as gemmas bem batidas, a essencia de baunilha, o leite (aos poucos), a farinha de maizena e o fermento. As claras batidas são addicionadas ao que ficou dito, batendo-se ainda muito bem. Fôrma untada com manteiga, fôrno quente.

Movel Moderno

TRATAMENTO DOS CÃES

(Pelo Dr. Briand)

...Muita gente pensa que se devem dar ossos aos cães, principalmente quando são elles pequenos, em virtude do phosphato necessario á caixa ossea.

Ora, o cão que come ossos não assimila phosphatos.

Entretanto, o osso crú é util. Necessario, porém, que o animal não o quebre.

E' perigoso dar ossos de coelho, de gallinha, e de costellas aos cães, bem como os de carneiro porque resfriam o animal occasionando accidentes desagradaveis no apparelho digestivo.

Os melhores ossos crús são os de perna de vacca e perna de vitela. E o melhor meio de dar phosphato aos cães é habitual-os a comer aveia em fórma de pirão, bem cozida nagua e sal, ás vezes tambem assucarada.

Decoração da casa

Richelieu é o bordado para a toalha de jantar e cortina da janella á esquerda. Na da direita: "bandeaux" do mesmo "drap" setim, verde garrafa, da cadeira, e cortinas de organdy verde agua. Na almofada — applicações de "taffetas" laranja (para as flores) e folhas verdes uma almofada de linho cinza branca.

Branco ou coloridos pastel, em crêpe de seda para os dois vestidos acima.

Chapéo de palha preta, florões de seda em dois tons de amarélo.

Como vestem as "estrellas" do cinema

2) — BARBARA STANWYCK apresenta-se aqui mui original e graciosamente trajada para jantar.

PARA DE NOITE:

1) — BETTE DAVIS, da Warner Bros., um elegante e luxuoso vestido de "lamé" prateado.

3) — KAY FRANCIS, (da Warner Bross.), apresenta um novo modelo de "taffetas" azul pastel, listras pretas e prateadas.

4) — HELEN HAYES, inolvidavel interprete de "Adeus ás armas", da Paramount, vestida de baile para "Charming Quaint", da Metro

5) — MARY ASTOR, tambem da Warner, Bross., maravilhosa de elegancia.

SENHORA

"Déshabillé" de musselina de seda.

DOIS tons, no mobiliario, é o que se indica. Muitas, porém, gostam de adoptar um só, quente ou suave, nas paredes, no colorido dos desenhos dos moveis laqueados, ou no mesmo fundo, porém em "dégradé". Nos moveis ha alternativas. Um divan com a base em tonalidade forte sempre é revestido de tonalidade clara, velludosa; cadeiras com espaldar claro, assento escuro. O "beige" combina com o pardo, o vermelho cobre com o "beige" rosado, o amarello com o preto, o vermelho e preto, cinza prata, preto e "patiné".

ALMOFADAS — Grandes, redondas, bordadas de ramagens de chitão sobre setim, velludo ou téla de linho, um fôfo de seda ou de palha emmoldurando-as, são bem do gosto moderno.

BOM GOSTO — Nos aposentos claros, côr de prata antigo, os moveis de madeira natural, de estylo, ficarão esplendidos.

Num aposento forrado de crepe ócre, ou paredes forradas, até meia altura, pelo systema meio rustico, meio moderno, alegres coloridos, supportam moveis simulando a arte antiga, a de hontem e a de agora mesmo. Vale melhor, no emtanto, possuir poucos objectos, bem escolhidos, uma combinação do velho e do novo em artistica mistura e arrumação de bom gosto, sóbria. Os moveis modernos não admittem sobrecarga. Poucos, espaço muito, sensaçãs de arejamento, de linhas nitidas, perfeitas. Aliás, dizem os entendidos, os moveis e as construcções de ultima invenção constituem o melhor quadro para a belleza das moças de pelle de chá ou café com leite. As loiras preferem as reliquias...

TAPETES — Em logar de tapetes de lã, no mobiliario rustico ou de estylo, ver-se-ão pedaços de bonitos chitões forrados de flanella grossa, "matelassés", no centro dos aposentos, dos lados ou nos pés das camas. Luxo maior organiza taes tapetes em setim forte ou velludo, embora use das flores de chita como adorno — genero applicação.

O COLONIAL resurge tambem. Assim veremos, guarnecendo as residencias na época do sol abrasador ou quando a primavera sorri nas flores do jardim e no azul do céo, tapetes de raphia, africanos, coloridos vivos, cortinas de porta e de janella semelhantes.

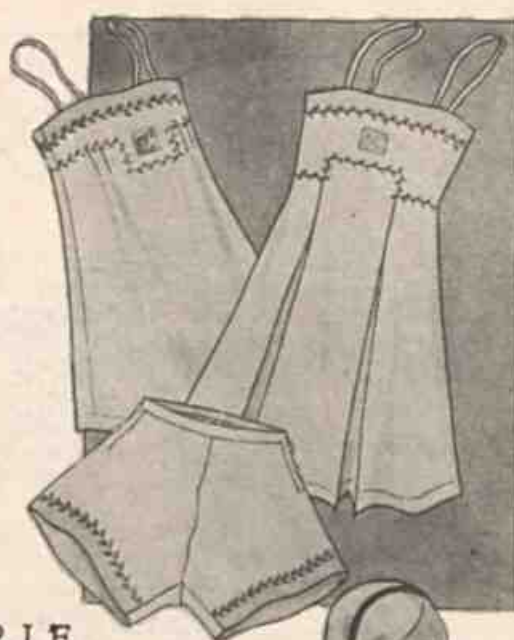
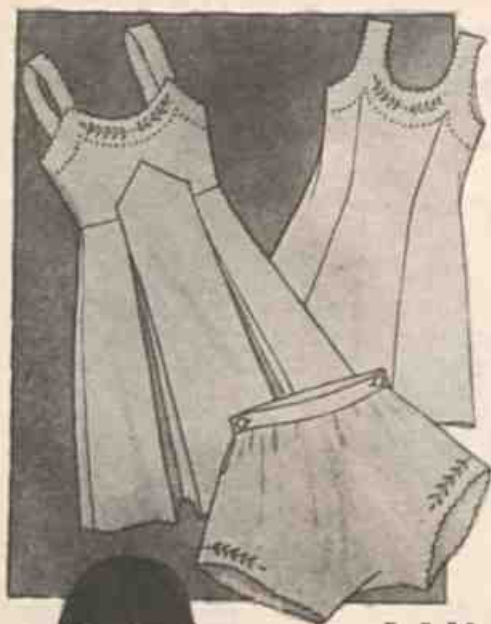
Nas casas de campo ou á beira do mar, os tecidos listrados de tonalidade alacre irão á maravilha. As pareu.s forradas de "ócre" rosado requerem, nas portas do aposento, cortinas rosa fraco listradas de rosa escarlate ou rosa violaceo. O escocez em verde, rosa e cinza azulado é de bonito effeito — quer nas paredes, quer nas cortinas. Quando nestas, aquellas serão de tonalidade unida: verde agua, rosa chá, cinza fumaça; paredes forradas com papel ou tecido escocez, cortinas de colorido uniforme.

Lingerie elegante

Camisa de dormir talhada em crepe da China branco, recortes completados a pontos de phantasia: "bourdon", turco, "cordonnet", etc.

Camisa de dormir: crepe setim rosa para a parte de baixo, no corpete — renda creme forrada de filó rosado.

Camisa de dormir: "toile de soie" amarello canario, a pala festonnada com o proprio tecido em viez, a parte de baixo com estreitas renda nas costuras.

PANNO DE MESA
bordado a lã com
ponto de cruz em
uma ou mais côres.
Nº 4

Combinações, calcinhas e camisolas de dormir graciosamente bordadas.

Tecidos proprios: cambraia de linho, opala ou "toile de soie".

Monogrammas bordados "au plumetis".

Como se embellezavam as mulheres na Antiguidade

AS EGYPCIAS E AS PERSAS

AS moças, na época remotissima dos Pharaós, eram inimitaveis na arte de agradar.

Pelo que se constata dos baixos-relevos e dos monumentos, ellas não sómente se eximiam na pintura dos olhos, mas sabiam modificar para melhor a côr dos cabellos e das sobrancelhas. O *henné*, que ainda possue em Paris suas affeiçoadas, servia-lhes seja para tingir de vermelho as lindas melenas negras, seja para alaranjar a palma das mãos.

Os archeologos francezes encontraram, nos tumulos de Gizeh, mumias de dansarinas cujos cabellos eram azues claros.

A moda de tingir os cabellos não era conhecida ás mulheres da Persia. O professor Trousseau, um conhecedor profundo de coisas antigas, teve occasião, já lá vão trinta annos, de examinar duas categorias de pós dos que se usavam na Persia para a tintura. Um tinha a virtude de oxygenar os cabellos; outro a de tornal-os azues. O primeiro era o *henné* e o segundo devia ser uma planta da familia do indigo de nome desconhecido. Em sua mór parte, os Persas, tanto jovens como velhos, tingiam os cabellos e a barba, de oito em oito dias. Elles applicavam primeiro o *henné*, em fórma de pasta com agua, e, depois de meia hora, usavam os pós azues. Obtinham, assim, uma coloração magnifica, semelhante ao preto da grauna.

(*Continúa no proximo numero*).

Belleza e MEDICINA

KYSTOS

DR. PIRES

(*Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna*)

Os kystos constituem um dos casos mais communs que apparecem em esthetica. Principalmente quando se localizam na face merecem ser tratados, não só sob o ponto de vista medico como tambem por constituirem uma desgraciosidade.

Apparecem em pessoas de qualquer edade e sexo. Existem diversos processos de tratamento dos kystos. Tentou-se fazer até mesmo a inflammação artificial da parede kystica, por meio de injecções de xylol, ether, sublimado e outros agentes clinicos. Entre os agentes physicos mais usados, citaremos a electrolyse (indicada na opinião de Meyer para os kystos localizados no punho), a diathermia (aconselhada por Bordier), galvanocauterio (preconizado por Sabouraud).

Evidentemente o methodo mais usado é o cirurgico que deixa na maior parte das vezes uma cicatriz pouco visivel.

Para os kystos pequenos, localizados de preferencia no couro cabelludo póde-se proceder da seguinte fórma: incisão, descollamento e consequente retirada da capsula, e após electro-coagulação (sobretudo quando houver ruptura da capsula).

A vantagem da electrocoagulação é de evitar recidiva, na hypothese de rompimento da capsula.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao **Dr. Pires** — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 29.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

Luiz Muniz Barreto — Residente á rua Lucidio Lago, 54 — Meyer.

Adalberto Eduardo Silva — Residente á rua General Argollo, 203 — S. Christovam.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Mario de Barros — Residente em Pharol, cidade de Padua.

SÃO PAULO

Marilia — Residente a rua Tabatinguera, 35 — Capital.

Thereza Sylvestre — Residente á rua São José, 130 — Piracicaba.

Juk — Residente á rua 13 de Maio, 235 — Capital.

PARANA'

Nancy Pereira Lima — Residente á rua Manoel Pedro, 161 — Lapa.

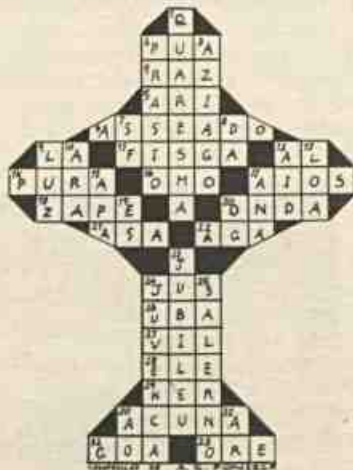
RIO GRANDE DO SUL

Lopestelmo — Residente á rua Venancio Ayres, 177 — Porto Alegre.

CEARA'

Maria do Carmo Sá — Residente na cidade do Crato.

PERNAMBUCO

Antonio Gomes de Oliveira — Residente em Olinda.

A solução exacta do 29º "Problema de Palavras cruzadas".

CORRESPONDENCIA

Maria Luiza — E' conveniente escrever por fóra do enveloppe: "Carta enigmatica" ou "Palavras cruzadas".

Lauro Gomes — Então gostou do premio? Não ha que agradecer.

Lindinha — Aguardamos com prazer.

Recebemos e vão ser submettidos a exame os trabalhos dos nossos collaboradores: Alcruma, Itap, Edgar Tito, De Lacerda, A. C. Fonseca, Jangadeiro e Freitas Bastos, P. D. C. e Ada Silva.

Palavras cruzadas

Horizontaes

2) Novo.
5) Verbo da 3ª.
8) Lagôa do Rio Grande do Norte.
11) Senhor.
14) Clarão nocturno.
17) Destino.
17) Bispo francez celebre (sem a ultima).
20) Filha de Hercules.
21) Protoxydo de calcio.
22) Mez dos Hebreus.
23) Outra coisa.
24) Planta (s/a ultima).
26) Rio da Beira.

Verticaes

1) Semanal.
3) Mulher.
4) Homem.
6) Rio limitrophe brasileiro.
7) Verbo.
9) Fila.
10) Aspide dos egypcios.
12) Sincero.
13) Reboque, sirga.
15) Artigo.
16) Letra grega.
17) Nota.
18) De dia.
24) Antes de Christo.
25) De pão.

Enviou-nos este problema o nosso collaborador Mario e Arnaldo, cujas soluções devem ser enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34, Rio, até o dia 9 de Março, data do encerramento deste torneio. Na nossa edição do dia 21 de Março apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção, sendo distribuidos *Dez* magnificos premios entre os concurrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo. E' conveniente o concurrente declarar fóra do enveloppe: *"Torneio de Palavras cruzadas"*.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 32
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

Loções Extra-Modernas

DE A. DORET

O que caracterisa as Loções Extra-Modernas de *A. Doret*. Alta concentração de perfumes, limpa a cabeça sem grudar, espuma como um Schampoo, secca rapidamente, favorece o penteado e a *mise en plis*, dá brilho ao cabêllo como nenhuma outra loção póde dar. Refresca a cabeça.

1 Litro 35$ — ½ 20$ — ¼ 12$ — 1/10 6$

A' venda nas seguintes casas: Rio de Janeiro: Casa A. Doret, Cabelleireiros — Rua Alcindo Guanabara 5 A — Casa Cirio — Rua Ouvidor, 183 — A Exposição — Av. Rio Branco, 146/150 — A Garrafa Grande — Rua Uruguayana, 66 — Drogaria Giffoni, Rua 1.° de Março, 21 — Drogaria Huber, Rua 7 de Setembro, 63 e Casa Hermanny, Rua Gonçalves Dias, 50.

Em *Bello Horizonte*: Casa Mme. Alves Maciel — Rua Tamoyos, 54 — e em todas as casas de 1ª ordem.

Depositario: A. DORET — Perfumista — Rua Gurupy, 147 — Tel.28 - 2007 — Rio.

Quer ganhar sempre na loteria?

A astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Orientando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma só vez.

Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".

Milhares de attestados provam as minhas palavras. — Prof. PARKCHANG TONG. — Meu endereço: Gral. MITRE Nº 2241. — ROSARIO (Santa Fé). — Republica Argentina.

Peça a respectiva bulla á Caixa Postal 845 - Rio

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

HOTEL SUL AMERICANO

Av. Amazonas, 50

TELEPHONE 1600 — C. POSTAL 409

BELLO HORIZONTE

BOTA FLUMINENSE

AVISA AÓS SEUS AMIGOS E FREGUEZES QUE SE MUDOU PARA

CASA INDIANA

ULTIMAS NOVIDADES

394 — Camurça preta ou marron **35$000** com guarnição de pelica estampada nas mesmas cores. Salto Luiz XV alto.

519 — **34$000** Sapatos de setim e velludo com fivelinhas no peito do pé. Salto Luis XV de n. 32 a 40.

272 — **20$000** Sapatos em vaqueta cromados preto ou marron. Sola Krepe salto mexicano de n. 22 a 40.

35$000 - Sapatos de setim preto, Macau, com guarnições em velludo preto, bella combinação. Salto Luiz XV de n. 32 a 40.

Pede-se o endereço bem claro: não se acceitam sellos nem estampilhas. Pelo correio mais 2$500 por par

Calçados, chapéos camisaria e sportes em geral.

RUA MARECHAL FLORIANO, 102

ALBERTO DE ARAUJO & Cia.

sport
decoração
arte
belleza
Musica
Annuario das Senhoras
Walter Maya
Um encanto para o lar!
Um milhão de attractivos, um mundo de suggestões, um diluvio de adornos e de cousas que tornam o lar cheio de graciosidade e augmentam a belleza da mulher estão reunidos no
ANNUARIO DAS SENHORAS
a primorosa publicação, impressa em rotogravura, com perto de quatrocentas paginas, e contendo os mais palpitantes assumptos de interesse feminino, como sejam: modas, bordados, toda a especie de crochet, decorações e arranjos do lar, cuidados de belleza, receitas culinarias, penteados, adornos em geral, conselhos ás mães e ás jovens, arte applicada, musica, poesia, contos, novellas, dialogos, preciosa litteratura em prosa, illustrações, sports, cinema, calendario, um sem numero de curiosidades, todas de inestimavel encantamento para o espirito feminino.
ANNUARIO DAS SENHORAS é leitura obrigatoria para o mundo feminino. Está á venda em todas as livrarias e jornaleiros do Brasil.
Preço 6$000 em todo o Brasil
Pedidos á SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO".
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 — Rio de Janeiro